

QUILOMBO VIDAL MARTINS

NARRATIVAS E MEMÓRIAS

Kariane Regina Laurindo
Daniella Camara Pizarro
Cláudia Mortari

QUILOMBO VIDAL MARTINS NARRATIVAS E MEMÓRIAS

O presente dossiê, corresponde ao produto oriundo da dissertação de mestrado, intitulada “Informação e memórias que resistem: Quilombo Vidal Martins em Florianópolis¹”, realizada no Programa de Pós-Graduação em Gestão de Unidades de Informação da Universidade do Estado de Santa Catarina – PPGInfo/UDESC², no ano de 2021.

O dossiê foi organizado com fontes de informação diversas relacionadas a fatos sobre a história e memórias da primeira comunidade certificada pela Fundação Cultural Palmares como Comunidade remanescente quilombola. Dentre as fontes, estão: as narrativas dos remanescentes; certidões de batismo, casamento e óbito; notas de matérias jornalísticas do século XIX, matérias jornalísticas atuais; e referências bibliográficas.

O dossiê bem como a dissertação, são de autoria de Kariane regina Laurindo, graduada em Biblioteconomia e Mestra em Gestão de unidades de informação ambas realizadas na UDESC. Com orientação da Profª. Doutora em Ciência da Informação Daniella Camara Pizarro e coorientado pela Profª. Doutora em História Cláudia Mortari.

Boa leitura!

¹ Dissertação disponível em: <https://www.udesc.br/faed/ppginfo/ppginfo> Acesso em 29 jun. 2022.

² Sobre o programa, disponível em: <https://www.udesc.br/faed/ppginfo/ppginfo> Acesso em: 29 jun. 2022.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Árvore genealógica da Família Vidal Martins.....	8
Figura 2 - Linha do tempo com fatos da história.....	9
Figura 3 - Localização Vidal Martins dentro do camping do Rio Vermelho	10
Figura 4 - Mapa do território reivindicado	12
Figura 5 - Carta do Delegado de Polícia ao Presidente da Província mencionando os mapas entre os anos de 1842/1869	14
Figura 6 - Mapa do Distrito do Rio Vermelho	15
Figura 7 - Página em que consta a certidão de batismo de Vidal Martins	16
Figura 8 - Transcrição da certidão de Batismo de Vidal Martins.....	17
Figura 9 -Página que consta a certidão de casamento de Joana e Manoel	18
Figura 10 - Transcrição da certidão de casamento de Joana e Manoel	19
Figura 11 - Capa e página do jornal O relator Catharinense com nota de doações feitas pelo Padre Antônio	21
Figura 12 - Página da certidão de batismo de Boaventura Vidal Martins.....	23
Figura 13 - Página da certidão de batismo de Rosa Maria	24
Figura 14 - Página da certidão de batismo de Manuel Vidal Martins	25
Figura 15 - Página da certidão de batismo de Sabina Correia.....	26
Figura 16 - Página da certidão de óbito de Manoel Martins Gallego.....	27
Figura 17 - Dona Jucélia e seu Odílio	29
Figura 18 - Nota do Jornal O Estado falando da Empreitada Florestal de Berenhauser	31
Figura 19 - Helena, Dona Jucélia e Shirlen	34
Figura 20 - Portaria de certificação de comunidades que se autodefinem como remanescentes de quilombo	37
Figura 21 - Página do DOU em que consta o nome da comunidade Vidal Martins	38
Figura 22 - Certificado de Autodefinição	39
Figura 23 - Matéria do Diário Catarinense na semana da Consciência Negra	41
Figura 24 - Matéria do ND+ Notícias sobre o prazo para a demarcação de terras.....	42
Figura 25 - Matéria do Jornalistas Livres sobre a violência sofridas pelos remanescentes	42
Figura 26 - Matéria no NSC Total referente a incêndio no Parque	43
Figura 27 - Matéria no ND+ sobre a história do Quilombo	43
Figura 28 - Izidro Boaventura Vidal	46

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO	6
2	QUILOMBO VIDAL MARTINS	10
3	MEMÓRIAS QUE COMPÕEM A HISTÓRIA A PARTIR DAS NARRATIVAS DOS REMANESCENTES	13
4	CONSIDERAÇÕES “NÃO” FINAIS	41
	REFERÊNCIAS	47

As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada. Chimamanda Ngozi Adichie (2019, p.32).

1 APRESENTAÇÃO

Na presente seção, será apresentado o Quilombo Vidal Martins. A composição desta seção é proveniente da pesquisa bibliográfica, documental e das narrativas dos remanescentes. A produção deste dossiê constrói o objetivo geral desta pesquisa: organizar e registrar as histórias e as memórias do Quilombo Vidal Martins, em Florianópolis, na forma de um dossiê, que possa caracterizar e garantir aos remanescentes da Comunidade um “lugar de memórias” digital, disponível no *site* da biblioteca eletrônica do Aya.

Portanto, organizar as memórias da comunidade quilombola remanescente Vidal Martins, para a construção deste dossiê, vai além da comunidade. Como já mencionado anteriormente, o presente dossiê representa contextos históricos de Florianópolis, de Santa Catarina e do Brasil. A riqueza nos detalhes das narrativas retrata fatos de uma família e dados que nos ajudam a compreender melhor sobre como nossa sociedade se desenvolveu até os dias atuais.

Por isso, para compreendermos melhor o presente dossiê, faz-se importante identificarmos os principais atores da dessa história, e com isso a genealogia da família de Vidal Martins, bem como observarmos a linha do tempo em que os principais fatos que compõe as memórias sucederam.

Quadro 1 – Personagens da história do Quilombo

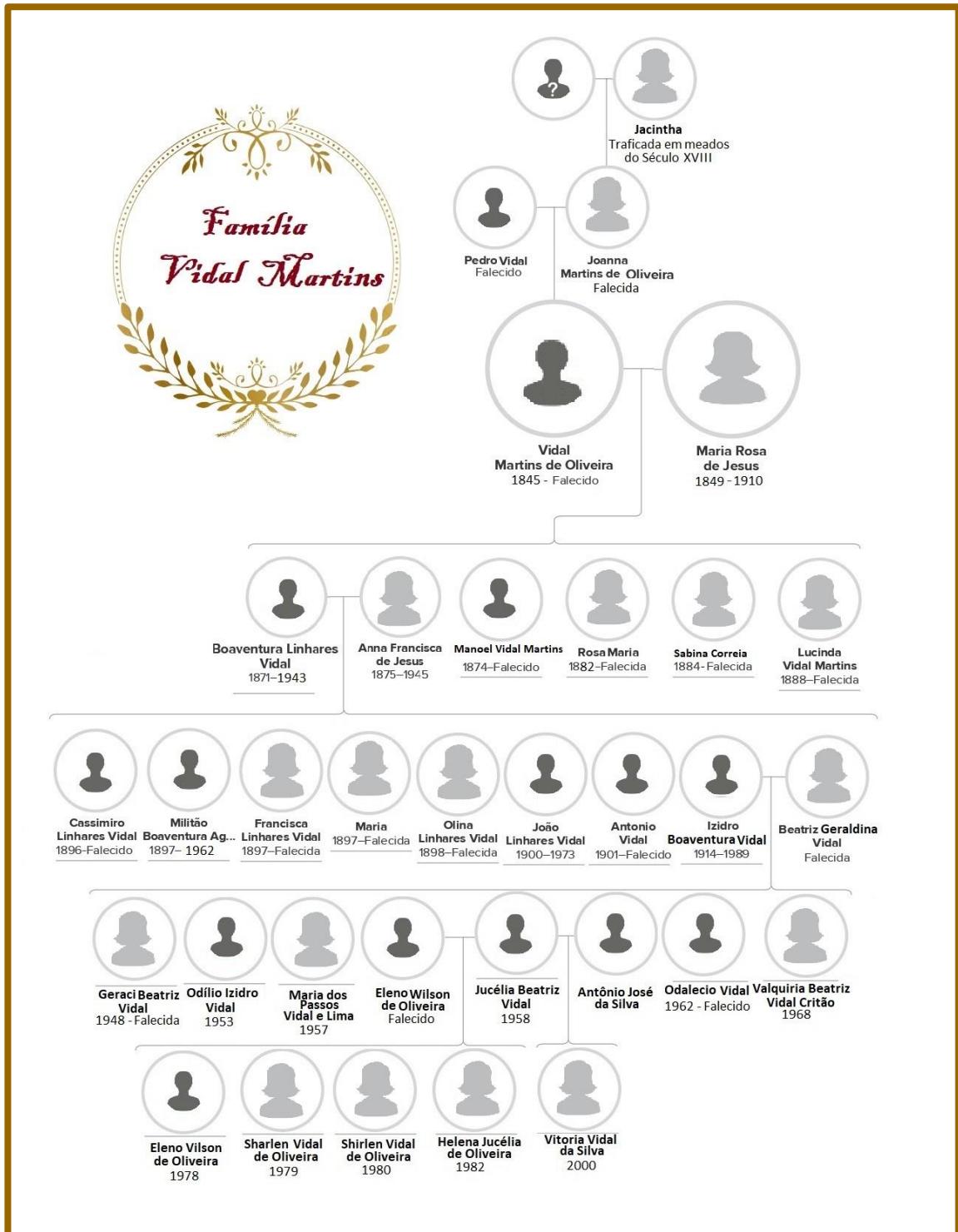
<u>PERSONAGENS</u>	
	Jacinta: mãe de Joana e avó de Vidal Martins.
	Antônio de Santa Pulcheria Mendes de Oliveira: padre da paróquia de São João do Rio Vermelho, foi o senhor de Joana até sua morte.
	Joana: mãe de Vidal Martins.
	Manuel Martins Galego: primeiro senhor de Joana, foi também senhor de Vidal. Mudou de nome para Martins Correa.
	Pedro Vidal: pai de Vidal Martins.
	Izidro Boaventura Vidal: filho de Boaventura, neto de Vidal, pai de dona Jucélia e seu Odílio, avô de Helena e Shirlen.
	Manoel Fonseca do espírito Santo: companheiro de Joana, padrasto de Vidal.
	Beatriz Geraldina Vidal: companheira de Izidro, mãe de Dona Jucélia e Seu Odílio, avô de Helena e Shirlen.

 <p>Vidal Martins: homem homenageado com seu nome dado para a comunidade, em alguns documentos, seu nome também consta como Vidal Martins Oliveira.</p>	 <p>Henrique Berenhauser : engenheiro florestal responsável pelo processo de florestamento e reflorestamento nas terras que a comunidade reivindica.</p>
 <p>Maria Rosa de Jesus: companheira de Vidal Martins.</p>	 <p>Odílio Izidro Vidal: filho de Izidro e bisneto de Vidal Martins.</p>
 <p>Boaventura Vidal Martins: filho de Vidal e Maria Rosa, em alguns documentos, seu nome consta como Boaventura Linhares Vidal.</p>	 <p>Jucélia Beatriz Vidal: filha de Izidro e bisneta de Vidal Martins, mãe de Helena e Shirlen.</p>
 <p>Rosa: filha de Vidal e Maria Rosa.</p>	 <p>Helena Vidal de Oliveira: atual líder da comunidade, filha de Dona Jucélia e trineta de Vidal Martins.</p>
 <p>Manuel Vidal Martins: filho de Vidal e Maria Rosa.</p>	 <p>Shirlen Vidal de Oliveira: atual líder da comunidade, filha de Dona Jucélia e trineta de Vidal Martins.</p>
 <p>Sabina Correia: filha de Vidal e Maria Rosa.</p>	

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Identificados alguns dos nossos principais personagens, é possível construir a árvore genealógica da família Vidal Martins, desde a matriarca Jacinta até as irmãs que atuam à frente do processo de reconhecimento e de retomada de terras. É importante mencionar que na árvore genealógica apresentada na figura a seguir não são contemplados todos os membros da família. Foi optado por fazê-la até a geração das irmãs Shirlen e Helena, que iniciaram o processo de reconstituição da história da comunidade, ademais, as informações constadas foram retiradas do site *FamilySearch*, e com a ajuda da Shirlen, foram corrigidas as informações errôneas do site.

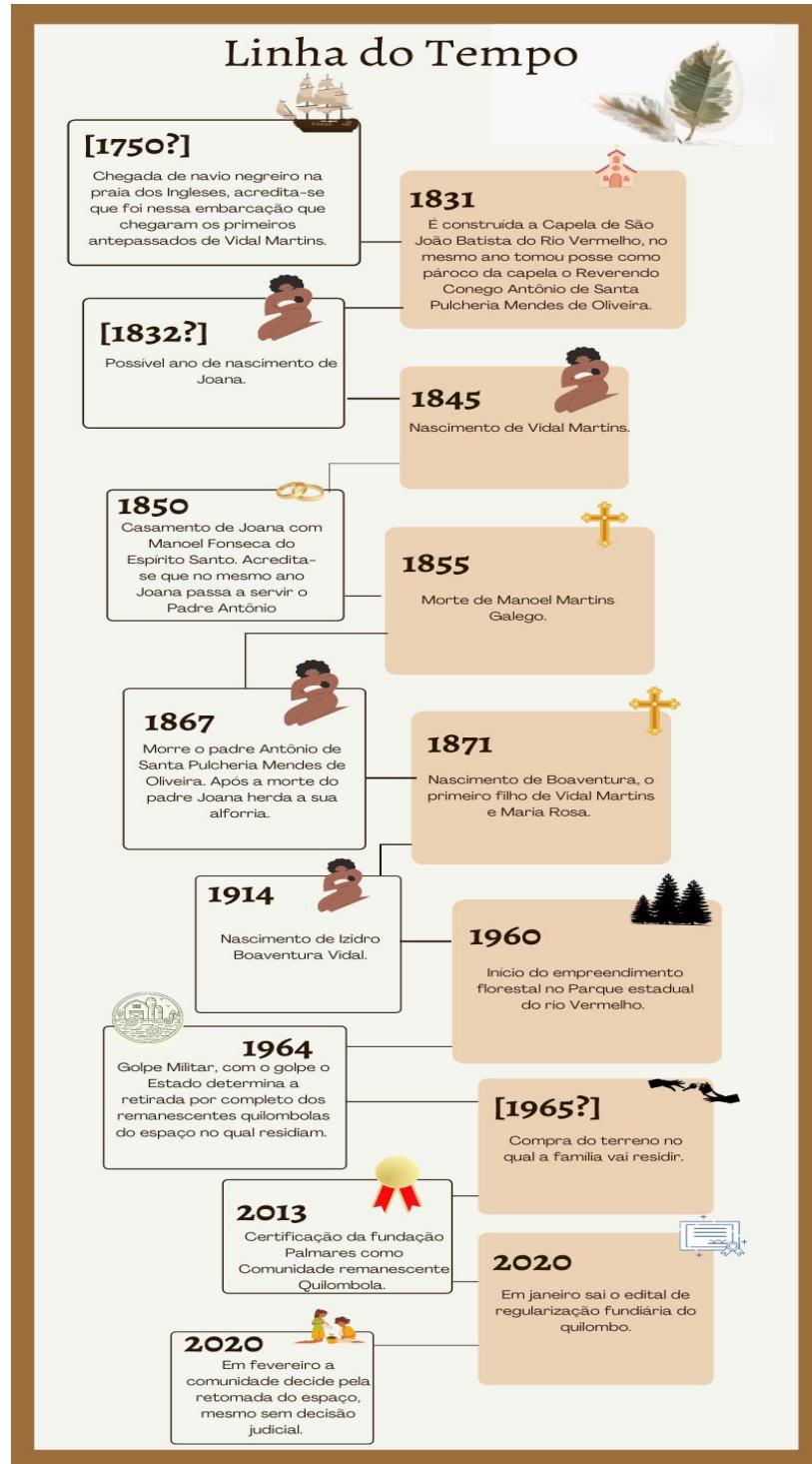
Figura 1 - Árvore genealógica da Família Vidal Martins



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Ainda, para melhor compreensão da composição dessa história, faz-se importante dimensioná-la em uma linha cronológica que nos possibilita ter uma perspectiva de tempo quanto aos fatos corridos na história dos Vidal.

Figura 2 - Linha do tempo com fatos da história



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

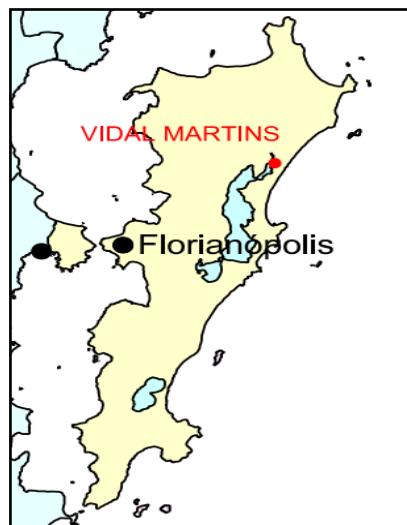
Conhecendo os principais personagens da história, a árvore genealógica que forma uma parte da família Vidal Martins e com a visualização temporal dos fatos que compõem a história, podemos iniciar nossa incursão nas memórias que formam a história da comunidade.

2 QUILOMBO VIDAL MARTINS

A comunidade está localizada às margens da rodovia João Gualberto Soares, com acesso à orla da Lagoa da Conceição em um espaço de aproximadamente 900 metros quadrados. Espremidos, no espaço residem mais de trinta famílias, algumas sem condições básicas de saneamento, como banheiros e tratamento de esgoto. As crianças, sem espaço para brincar, já sofreram acidentes de trânsito na rua, devido à proximidade com a rodovia, de trânsito intenso (QUILOMBO VIDAL MARTINS, 2014).

Desde 2013, a comunidade vem lutando por melhores condições de vida, e como pautas dessa luta estão a reivindicação por políticas públicas para a inclusão social, o acesso à saúde de qualidade, à educação, à titulação de terra e moradia digna. Para isso, os integrantes do quilombo organizaram a história da comunidade. História essa que legitima o direito à terra pela qual estão reivindicando (QUILOMBO VIDAL MARTINS, 2014). Dentre as reivindicações, está a titulação das terras que estão sobrepostas no *camping* do Rio Vermelho.

Figura 3 - Localização Vidal Martins dentro do camping do Rio Vermelho



Fonte: Elaborado pela autora, adaptado do Google imagens (2021).

Nesse processo, com comprovação documental, a história do Quilombo vem ganhando uma estrutura sólida e cada vez mais irrefutável de um movimento de resistência que se iniciou no século XVIII com a chegada de um povo escravizado na, então, Desterro, ilha de Santa Catarina.

O Quilombo tem seu nome como homenagem a Vidal Martins em forma de resistência. Nascido em 20 de maio de 1845, nas terras do Rio Vermelho, leste da ilha de Santa Catarina. Sua mãe era Joana, em alguns documentos consta como nome do pai Pedro Vidal. Quando

criança, Vidal foi separado da mãe, que foi vendida para Antônio Mendes Pulcheira e Oliveira, o primeiro padre residente na paróquia de São João do Rio Vermelho.

Vidal casou-se com Maria Rosa de Jesus, costureira, e com ela constituiu família. Não se sabe ao certo quando Vidal Martins faleceu, sabe-se que foi depois de 1910, ano em que sua companheira Maria Rosa faleceu, pois Vidal foi testemunha no registro de óbito da companheira.

De acordo com a comunidade, os Vidal Martins herdaram terras dos antigos senhores de engenho que os escravizaram, destinando a eles as terras do entorno do Rio Vermelho, onde atualmente está localizado o Parque estadual do Rio Vermelho e, também, o camping, lugar em que residiram até meados da década de 1960:

Assim como outros quilombolas brasileiros, os familiares de Vidal permaneceram em suas terras até que o governo os expulsou para a construção do Parque Florestal do Rio Vermelho, que sob a justificativa de ter que barrar urgente o avanço de dunas introduziu plantas exóticas (pinus e eucaliptos) que acabaram por praticamente destruir a vegetação nativa nos anos 1960. Após algum tempo, os Vidal Martins conseguiram comprar pequenos terrenos na região, vivendo às margens do território que historicamente lhes pertencia por direito. (BOND, 2019)

A tarefa de reorganizar a história do Quilombo por meio de documentação oficial³ foi árdua. Entretanto, em outubro de 2013, a comunidade foi certificada pela Fundação Cultural Palmares. A extensa pesquisa, realizada pelas irmãs Helena e Shirlen Vidal de Oliveira, feita a partir de documentos de cartórios, igrejas e arquivos públicos, sem querer revelou diversos dados históricos importantes sobre a história da escravidão em Florianópolis, história que é invisibilizada/silenciada.

Como na época ainda não existiam cartórios de registro civil, o Arquivo Histórico Eclesial de Santa Catarina, na Cúria Metropolitana de Florianópolis, continha documentos importantes para o Quilombo. Foi lá que encontraram uma cópia da certidão de casamento ⁴de Joana (mãe de Vidal Martins) e Manoel Fonseca do Espírito Santo, assinada pelo padre Antônio Pulcheria Mendes e Oliveira (ROSA, 2014), além de encontrarem, também, certidões de batismos de alguns filhos de Joana e as certidões de alguns dos filhos de Vidal e Maria Rosa.

Desde 2013, a comunidade vem lutando para conseguir reaver suas terras de direito. Em fevereiro de 2020, o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) divulgou o edital de regularização fundiária do Quilombo. O relatório antropológico, com as plantas e memoriais descritivos feitos pela equipe do curso de Agrimensura do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), sob supervisão do setor de Cartografia do Incra/SC, garantiu que o trabalho

³ Aqui, entende-se por documentação oficial os documentos retirados de cartórios, arquidioceses e outros órgãos municipais como o arquivo público do Estado.

⁴ Certidão será apresentada na próxima seção.

fosse aprovado por unanimidade pelo Comitê de Decisão Regional da autarquia, em 22 de janeiro de 2020. Segundo o relatório, a comunidade possui um território identificado e delimitado com área de 1.014 hectares, sobreposta integralmente ao Parque Estadual do Rio Vermelho (BRASIL, 2020). A imagem a seguir foi retirada do laudo antropológico que define no mapa esses 1.014 hectares.

Figura 4 - Mapa do território reivindicado

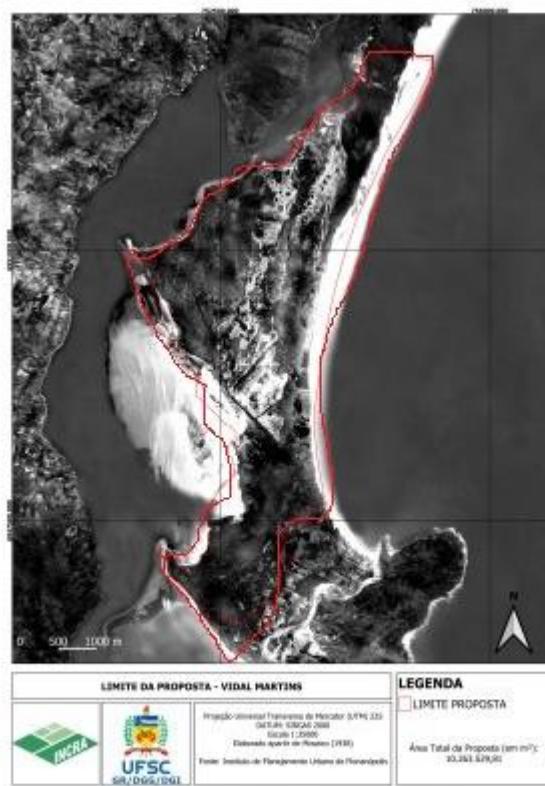


Figura 111 – Território reivindicado sobre fotografia aérea de 1938
Fonte: Acervo INCRA/UFSC (2019)

Fonte: Quilombo Vidal Martins (2019).

Contudo, o relatório ainda não garante à comunidade a retomada da terra descrita no relatório. Em 15 de fevereiro de 2020, a comunidade retomou o espaço destinado às terras de sua origem. A área é administrada pelo Instituto do Meio Ambiente (IMA), que pede a reintegração de posse enquanto aguarda decisão da justiça sobre o destino do terreno.

O camping estava fechado desde 2018 pelo vencimento do contrato da empresa que o administrava, e para conseguir a autorização, a comunidade na época criou uma Organização Social (OS) para participar da licitação para a administração do camping, porém, foi desclassificada, “O MPF (Ministério Público Federal) considerou a atitude como ‘racismo social’ e entrou com recomendação à Justiça para que a titularidade do parque seja da comunidade, sem passar por esse processo seletivo.” (REDAÇÃO ND, 2020).

Contudo, a luta dos remanescentes quilombolas do Vidal Martins ainda não teve o seu final justo, além de terem que provar sua história por meio judicial e depois de anos ainda não terem o reconhecimento que lhes permite usufruir o que é seu por direito. Infelizmente, o racismo institucional mascarado de justiça novamente reforça que o negro não tem vez de forma alguma.

Nesse entendimento, ainda é possível identificar as mazelas do processo de colonização, firmemente marcada na construção social do Brasil, que urgentemente necessita descolonizar-se para então livrar-se das correntes colonizadoras.

3 MEMÓRIAS QUE COMPÕEM A HISTÓRIA A PARTIR DAS NARRATIVAS DOS REMANESCENTES DO QUILOMBO VIDAL MARTINS

É importante mencionar que nessa composição, as narrativas dão enredo para a construção do dossiê, seguidas de uma documentação que as ilustram. Por isso, as transcrições são fiéis às narrativas, respeitando a forma de linguagem e desconsiderando o que pode ser entendido como um “falar errado” ou não estar dentro da norma culta.

Entende-se que a língua é um instrumento social mutável que está de acordo com o social, regional e a cultura do indivíduo, como compreendido, também, pela metodologia de História Oral, além de estar livre de preconceito linguístico.

Assim, nas transcrições, as contribuições externas foram apenas realizadas para facilitar para o leitor, ao que se referem os entrevistados. Essas contribuições estão entre parênteses e em algumas pontuações.

Posto isso, o primeiro quilombo urbano de Florianópolis homenageia o homem que viveu durante um dos comportamentos mais cruéis da humanidade. A escravidão, que no Brasil durou mais de três séculos e nesse período milhares e milhares de vidas e histórias foram roubadas/raptadas, estima-se que ao longo dos mais de 300 anos do período “legal” do regime escravocrata, o Brasil foi um dos mais fervorosos adeptos dessa terrível parte da história mundial:

A escravidão de africanos nas Américas consumiu cerca de 15 milhões ou mais de homens e mulheres arrancados de suas terras. O tráfico de escravos através do Atlântico foi um dos grandes empreendimentos comerciais e culturais que marcaram a formação do mundo moderno e a criação de um sistema econômico mundial. A participação do Brasil nessa trágica aventura foi enorme. Para o Brasil, estima-se que vieram perto de 40% dos escravos africanos. Aqui, não obstante o uso intensivo da mão-de-obra cativa indígena, foram os africanos e seus descendentes que construíram a força de trabalho principal durante os mais de trezentos anos de Escravidão. (REIS; GOMES, 1996, p. 9)

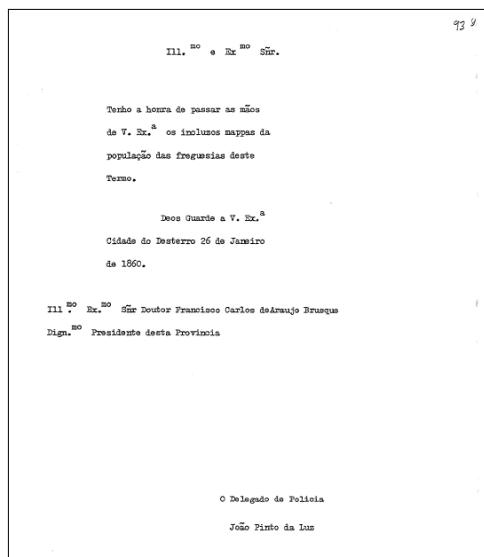
E, assim, tem-se início a história da comunidade pesquisada. Em meados do século XVIII, os primeiros antepassados de Vidal Martins foram raptados da sua terra natal e forçados a trabalhar em um continente desconhecido. A trajetória da sua chegada está evidenciada nas narrativas:

[...] Eles vieram num navio [...] Ele disse que veio um pai e um filho, e o filho acabou morrendo no meio do caminho, e daí ficou só o pai, venho só o pai para cá e ele conta pra minha mãe que quando os negros morriam ou tavam com alguma doença, eles jogavam os escravos amarrado numa pedra nos pés deles e jogavam fora do barco e aquele escravo ia lá e se afogava. [...] o meu pai contava que eles vieram lá da África, vieram no navio.... venho muitos de lá, mas chegaram aqui em poucos... eles vieram embaixo de um porão, aqueles que ficavam doente eles amarravam uma pedra e jogava no mar, as criancinhas também vinham chorando, passavam fome e passavam sede...

Ao mencionarem a chegada de um pai e filho, que teria falecido durante a viagem, os remanescentes acreditam que estes seriam os primeiros antepassados de Vidal Martins a chegarem em Florianópolis. De acordo com os relatos no diário de campo, teriam esses antepassados chegado por volta do ano de 1750, em um navio que atracou na praia dos Ingleses.

Assim, estariam eles há três gerações no Distrito do Rio Vermelho, antes do nascimento de Jacinta, avó materna de Vidal. Em pesquisa no Arquivo Público do Estado de Santa Catarina, no mapa da população das freguesias, no ano de 1860, no Distrito do Rio Vermelho constava 302 pessoas escravizadas, como consta nas folhas 93 e 98 do Catálogo Seletivo de Escravidão do Arquivo Público. As figuras a seguir são as folhas do catálogo.

Figura 5 - Carta do Delegado de Polícia ao Presidente da Província mencionando os mapas entre os anos de 1842/1869



Fonte: Secretaria do Estado de Santa Catarina (1993).

Transcrição da carta: Ao Excelentíssimo Senhor. Tenho a honra de passar as mãos de Vossa Excelência os inclusos mapas da população das freguesias deste termo. Deus guarde a Vossa Excelência Cidade do Desterro, 26 de janeiro de 1860. Ao Excelentíssimo Senhor Doutor Francisco Carlos de Araújo Brusque. Digníssimo Presidente desta Província, O Delegado de Polícia, João Pinto da Luz.

Figura 6 - Mapa do Distrito do Rio Vermelho

Contém o Distrito do Rio Vermelho. fogos 279, habitantes a Sabor:					
Homens	Estado	Numeros	Mulheres	Estado	Numeros
Livres	Solteiros	375	LIVRES	Solteiras	397
	Casados	178		Casadas	179
	Viúvos	15		Viúvas	48
Somma		568	Somma		524
Libertos	Solteiros	31	LIBERTAS	Solteiras	43
	Casados	4		Casadas	4
	Viúvos	"		Viúvas	"
Somma		35	Somma		47
Escravos	Solteiros	164	ESCRAVAS	Solteiras	136
	Casados	1		Casadas	1
	Viúvos	"		Viúvas	"
Somma		165	Somma		137
Total		768	Total		808
Luis Antonio da Silva Subdelegado de Policia					

Fonte: Secretaria do Estado de Santa Catarina (1993).

Ao serem questionados sobre conhecer a história dos escravos em Santa Catarina, os entrevistados relatam que,:

[...] não, eles não contam porque isso não convém, né? Falar de terra né? Quando tu fala de negros, tu simplesmente tu fala de terra, a mesma coisa que nem eu falei se for pegar o livro de terra do Rio Vermelho de vários outros lugares tem terra que é de pessoas que são escravos que eram de descendentes de escravos [...] olha, nós somos descendentes de escravos, né? [...] devido a essa mistura de trocar de ir de um lado pro outro, isso acabou se perdendo porque as pessoas não se encontram mais. Os mais velhos não conseguiram repassar essa história porque um foi morar nesse, no morro tal, o outro foi lá pro Rio Grande do Sul, o outro.... Pronto, a história foi, a história não permaneceu mais. Que é diferente da gente, da Invernada dos Negros, do pessoal ali do Valongo, sabe⁵? De todas as comunidades que ficaram juntas,

⁵ A invernada dos Negros e o Valongo são comunidades quilombolas localizadas em Santa Catarina. A Invernada dos Negros, no município de Campos Novos, e o Valongo, no município de Porto Belo..

ouviram as histórias das famílias, não foram embora, foram continuando e onde é que hoje é todo mundo, sabe por quê? A história permaneceu na comunidade...

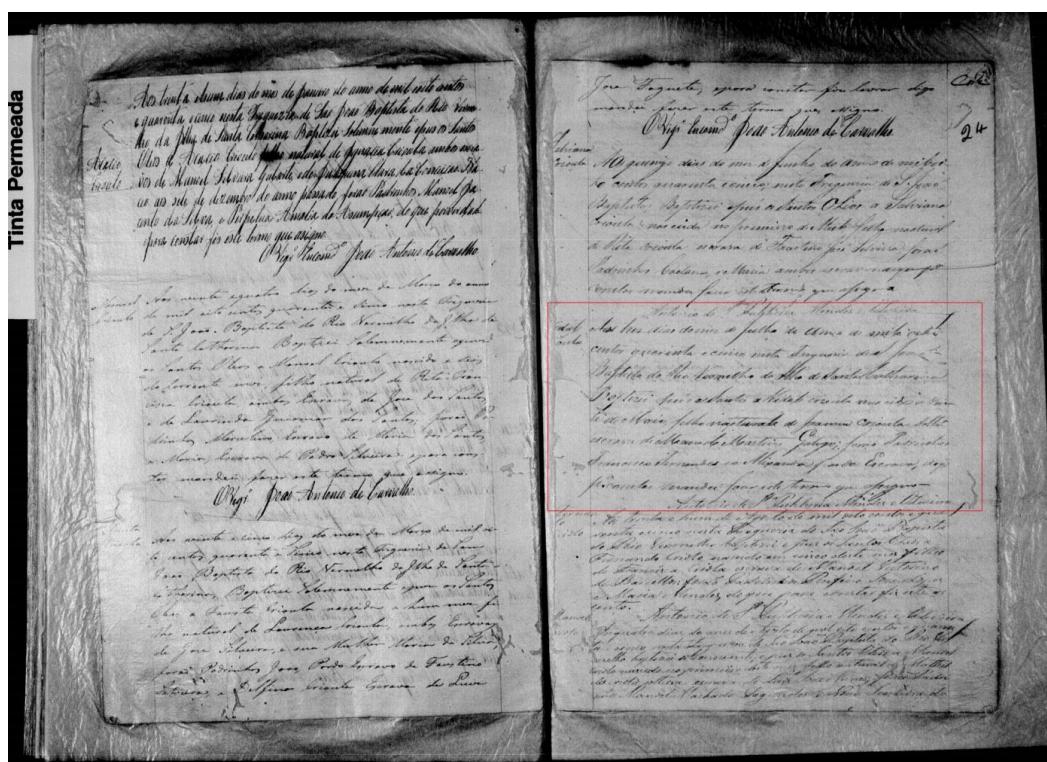
E nessa resistência constante em fazer das memórias presentes e vivas através da união, percebida nos descendentes, que na história de Jacinta podemos crer vir dela essa força. Jacinta resistiu da maneira que pôde, uma das formas foi a de tentar manter suas filhas unidas, mesmo essas também sendo mulheres escravizadas:

[...] Jacinta teve duas filhas e as duas filhas, que eram escravas, casaram na igreja católica, é isso. Naquela época era uma coisa muito, é... tem só três casamentos de escravos na igreja católica aqui. Não tem mais, são só as duas filhas, e ela conseguiu fazer com que essas duas filhas permanecesse juntas de uma certa forma e trazendo sabe? É isso... as filhas dela tu vê um certo contato...

Uma dessas filhas é Joana, mãe de Vidal, mulher negra que igualmente construiu uma história de luta e força em sua trajetória, assim como a mãe. Têm-se dados de que Joana foi escravizada por Manuel Martins Gallego, senhor de engenho.

No período em que servia a Manuel, em 1845, Joana dá à luz a Vidal, acredita-se que aos treze anos de idade. As figuras a seguir são do livro de batismos de escravos, entre os anos de 1832 a 1872, da Arquidiocese de Florianópolis, em que consta a certidão de batismo de Vidal Martins.

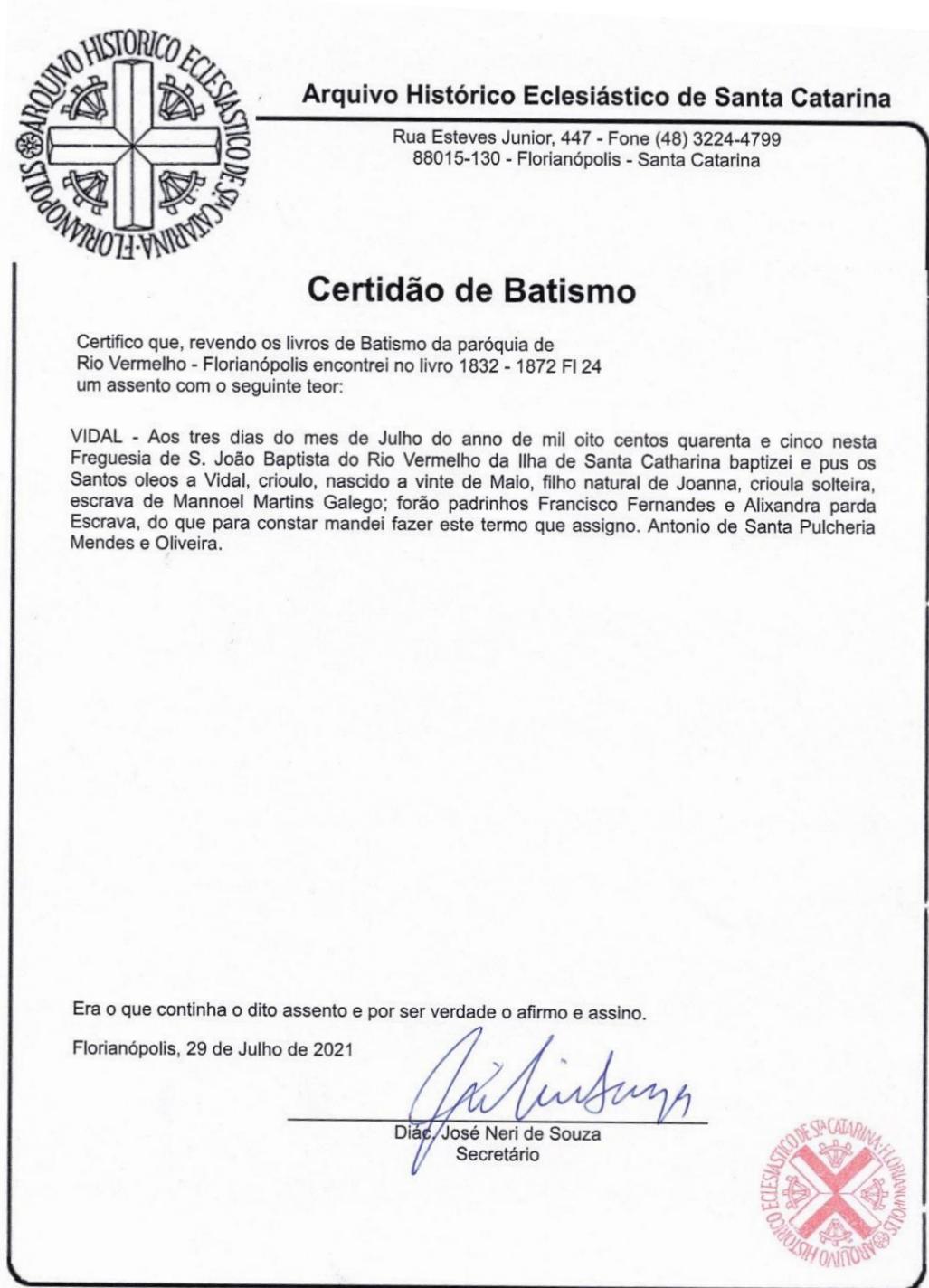
Figura 7 - Página em que consta a certidão de batismo de Vidal Martins



Fonte: Santa Catarina (2019b). Disponível no database de imagens FamilySearch.

Na imagem a seguir consta a certidão de batismos de Vidal transcrita pela Arquidiocese de Florianópolis:

Figura 8 - Transcrição da certidão de Batismo de Vidal Martins

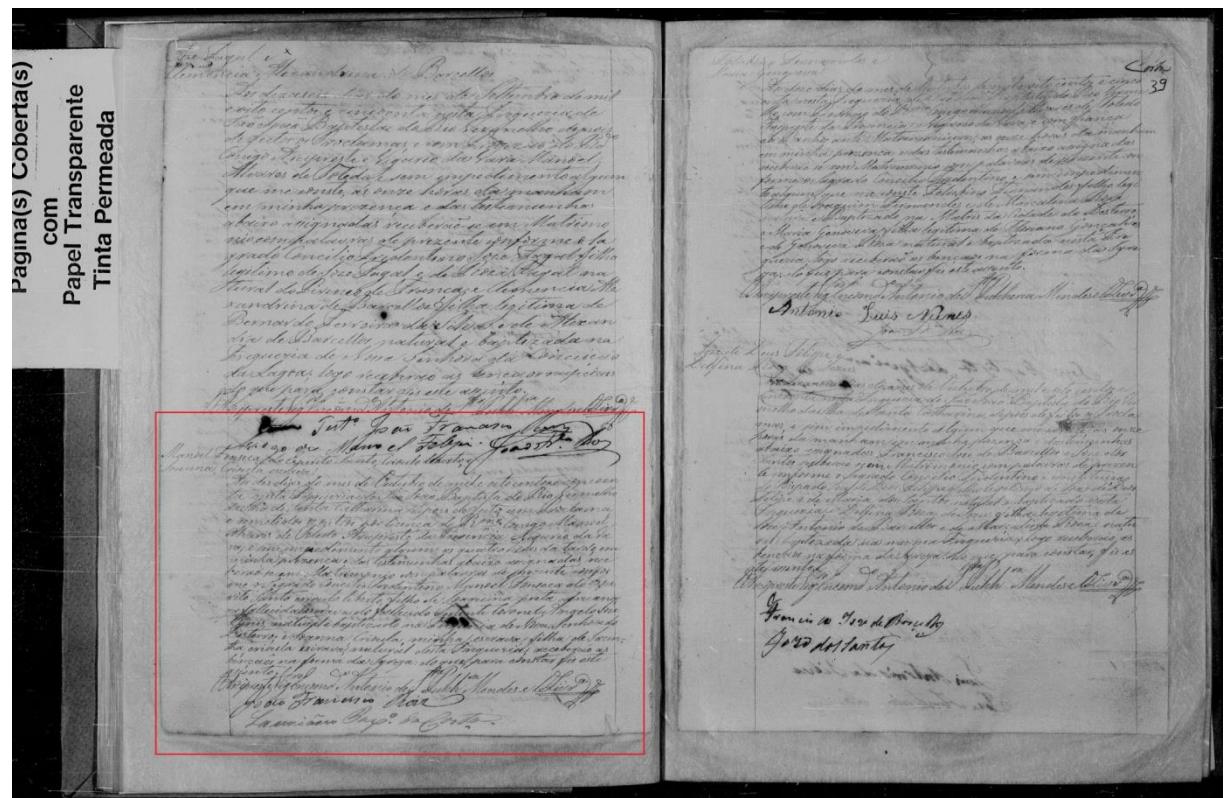


Fonte: Arquivo Histórico Eclesiástico de Santa Catarina (2021).

Joana serviu ao senhor de engenho, acredita-se que até meados dos anos de 1850, quando foi vendida para o pároco e deputado provincial, o padre Antônio de Santa Pulcheria Mendes e Oliveira, que foi o primeiro padre da igreja São João Batista do Rio Vermelho. No mesmo ano, ela se casou com Manoel Fonseca do Espírito Santo.

Como era escravizada por um padre, o casamento foi realizado em igreja católica e registrado pelo senhor de Joana, como segue na imagem abaixo, do livro 1 de casamentos da igreja de São João Batista do Rio Vermelho, nos anos de 1832 a 1869, a certidão de casamento de Joana e Manuel.

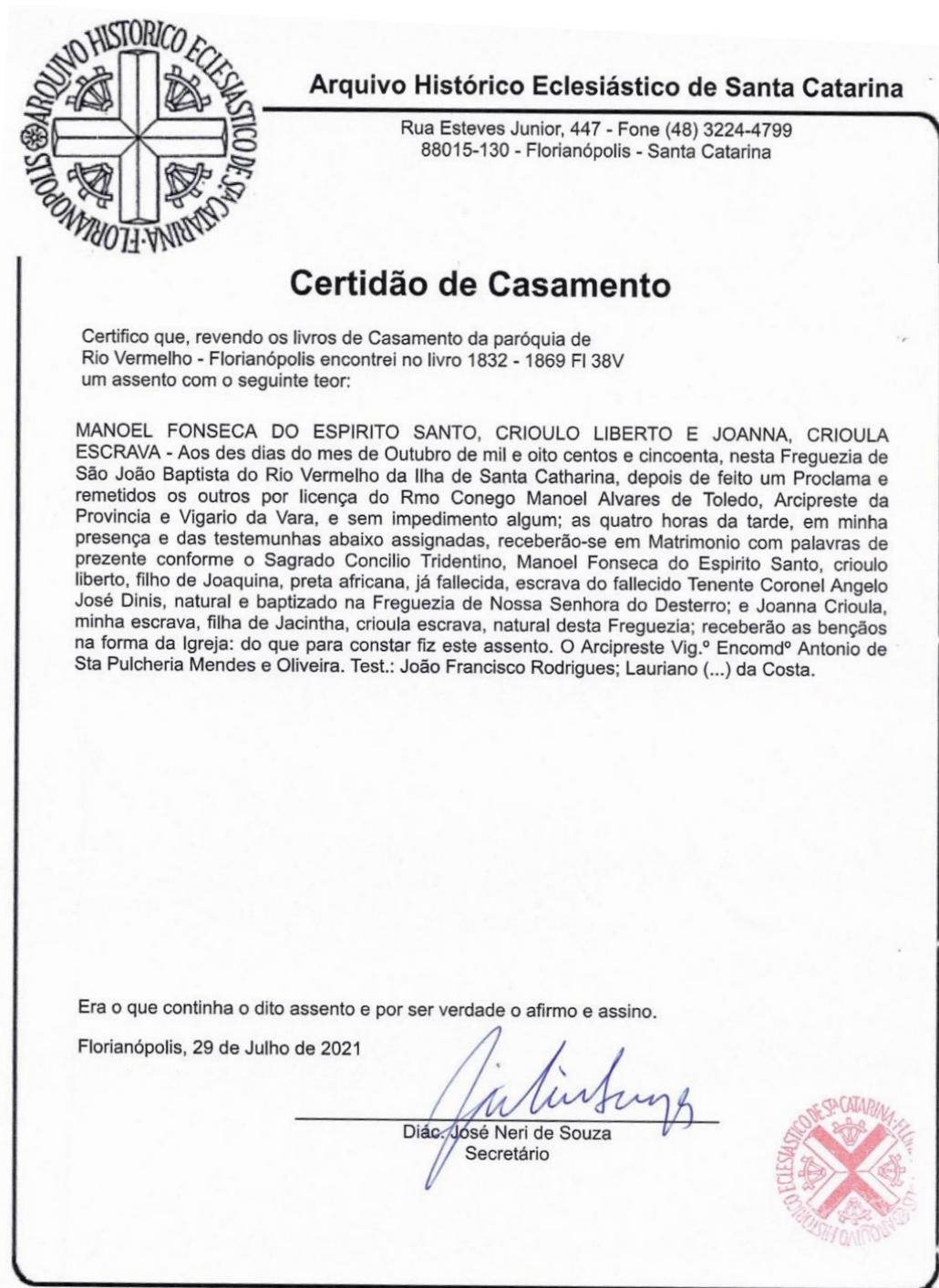
Figura 9 -Página que consta a certidão de casamento de Joana e Manoel



Fonte: Santa Catarina (2019c). Disponível no database de imagens FamilySearch.

Na imagem a seguir consta a certidão de casamento de Manoel e Joana, transcrita pela Arquidiocese de Florianópolis.

Figura 10 - Transcrição da certidão de casamento de Joana e Manoel



Fonte: Arquivo Histórico Eclesiástico de Santa Catarina (2021).

Mesmo casada, Joana ainda “pertencia” ao Padre e assim ficou em situação de pessoa escravizada até a morte dele, no ano de 1867. Nesse período Joana e Manuel tiveram filhos que nasceram na condição de pessoas escravizadas. Essa parte da história toca em memórias muito dolorosas para a comunidade, evidenciadas nas narrativas quando lhes é questionado se Joana teria sido liberta após o seu casamento:

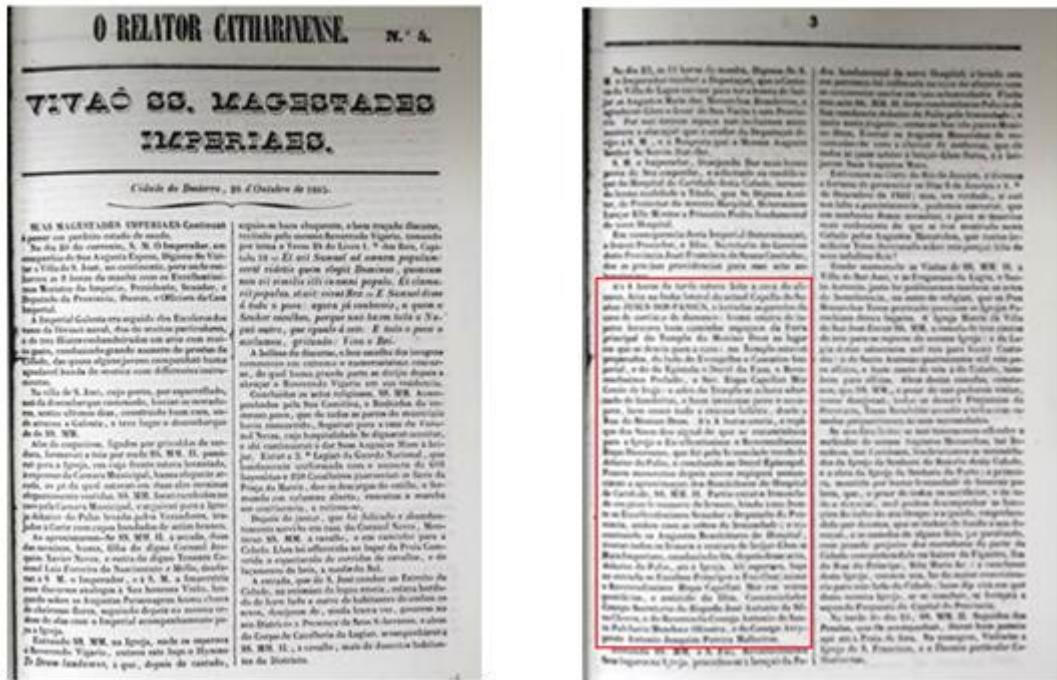
[...] Quando aquele miserável morreu (Padre Antônio) tem até uma notícia no jornal, tá? Lá do Rio de Janeiro, se tu entrar na Biblioteca Nacional, tu vai achar que fala ali que quando o padre morreu, esse Padre Antônio Pulcheria Mendes e Oliveira, ele deixou lá os bens lá para o Hospital de Caridade que ele fazia muita doação para lá... Os escravos libertos, ele deixou que esses escravos morassem numa fazenda dele até que esses escravos vinhesse a morrer, quando esses escravos morresse, essa Fazenda seria leiloada, vendida etc., que é lá na parte de cima que é onde a mãe do Vidal acabou ficando. É, mas ele só liberta eles depois que ele morre. [...] ela (Joana) teve um filho atrás do outro tá? Então toda a vez que ele é fazia o registro desses filhos, batizava. Ele colocava crioula minha escrava, ele colocava Manuel Fonseca do Espírito Santo liberto, que era o esposo dela, e a Joana ele colocava a crioula minha escrava, ele colocava filhos dele (Padre Antônio) e ela minha escrava então estava sempre lá 1851 crioula minha escrava 52 crioula minha escrava 53.... porque ela tinha, né? Um filho trás do outro, daí depois dele morrer, ela fez um filho chamado João que nasceu na capela do padre Jesuíta ali no Mato Grosso que é ali onde hoje é o correio, hoje em dia. Ele nasceu nessa Capela, então ela já tando livre, já dava para ver que ela continuou trabalhando para a igreja católica, de alguma forma, ela continuou trabalhando ali. [...] eles (filhos de Joana e Manuel) eram escravos dele. Eles era porque depois quando alguns tem filhos, eles colocam lá ex-escravo, sabe? E daí tu vê que o senhor realmente era, ela teve só duas que não foram porque ele já tava morto, um deles é esse João, que nasceu nessa Capela, né...

Existe uma mágoa nas falas, em relação ao fato de um “homem de Deus” escravizar uma pessoa:

[...] ancestrais que vienheram da África, daí no caminho encontra o quê? A Igreja Católica que isso também já chama a atenção. Pô! tanta gente que é escravo de padre...

A mágoa é percebida na fala de que o padre era tido como um benfeitor ao fazer doações para o Hospital de Caridade, mas escravizava pessoas até a sua morte. Sobre a fala da doação ao Hospital de Caridade mencionada na narrativa, foi encontrado na hemeroteca da Biblioteca Nacional esse fato, que segue na imagem a seguir.

Figura 11 - Capa e página do jornal O relator Catharinense com nota de doações feitas pelo Padre Antônio



Fonte: O Relator Catharinense (1845). Disponível na Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Transcrição de uma tira da nota: E encontrando os Augustos Bemfeiteiros do Hospital, tiveram todos os irmãos a ventura de beijar-lhes as Mão Imperiais, conduzindo-os, depois desse acto, de baixo do Palio até a igreja. Ali esperava, logo na entrada os Excelsos Príncipes ou Excentíssimo e Reverendíssimo Bispo capellão Mor em vestes pontificias, e assistindo do IIIIm. Comendador Cônego Secretário do Bispo José Antônio da Silva Chaves, e do Reverendo Conego Antônio de Santa Pulcheria Mendes de Oliveira e do Cônego Areypreste Antonio Joaquim Pereira Malheiros (a transcrição foi fiel a escrita com as regras gramaticais da época).

Joana, ao ser vendida para o padre Antônio, acredita-se que no ano de 1850, foi separada de seu filho Vidal, que estaria na época com 4 ou 5 anos, e como ele também nasceu em condição de pessoa escravizada, permaneceu com "seu senhor", Manuel Martins Gallego, e não com a mãe.

Mesmo com a separação, novamente é observada a força e resistência das mulheres negras dessa família, Joana mesmo servindo a outra pessoa, mantém a proximidade com o filho que lhe foi separado:

[...] é o fato da Joana ter sido separada do Vidal, ela ter indo para igreja católica que ficava no porto, e mesmo assim ela manteve esse contato sabe? Com ele, porque todos os meio irmão dele, né? Por parte de mãe batizam os filho dele, do Vidal, então tu vê que esse contato ele

acabou não morrendo, sabe? É a força dela e em continuar lutando mesmo sendo escrava de padre, é, tu vê muita força na história...

Já conhecemos Jacinta e Joana, mulheres negras que cruelmente foram separadas de seus filhos, e por inúmeras vezes foram separadas da sua própria humanidade, submetidas a uma condição de sub-humanidade. Entretanto, perseveraram mesmo sob as mais difíceis condições em que estavam. Suas histórias são:

[...] De luta, resistência, coragem, trabalho [...] de luta, de resistência, de cuidar da casa, de cuidar dos filhos...

Filho de Joana, neto de Jacinta, Vidal Martins nasce em meio às mesmas circunstâncias perversas da mãe e da avó. Precocemente teve que ser separado da sua mãe, viveu e morreu nas terras de “seu senhor”. Vidal casou-se com Maria Rosa e iniciou sua família.

[...] Vidal Martins era carpinteiro e a sua esposa era costureira, era negra misturado com índio. História da Maria Rosa o que o meu tio conta que o vô falava, que ela era uma costureira de mão cheia, é... que ela ajudava na casa, sabe? Que elas ajudavam a pescar porque minha vó saía cedo, é... para pescar; é... ensinou isso para minha mãe, ensinou isso para minhas tias a pescar, fazer renda de bilro, a fazer roça, sabe? Tu ver isso na, é... nelas isso tem uma grande importância nas próprias filhas do Vidal que, apesar de terem filhas cedo, tu vê lá na frente, tu vê que os filhos que elas tiveram também estão tendo outros filhos, há uma continuação de... sabe? Da força dessas mulheres e de tudo que elas passaram...

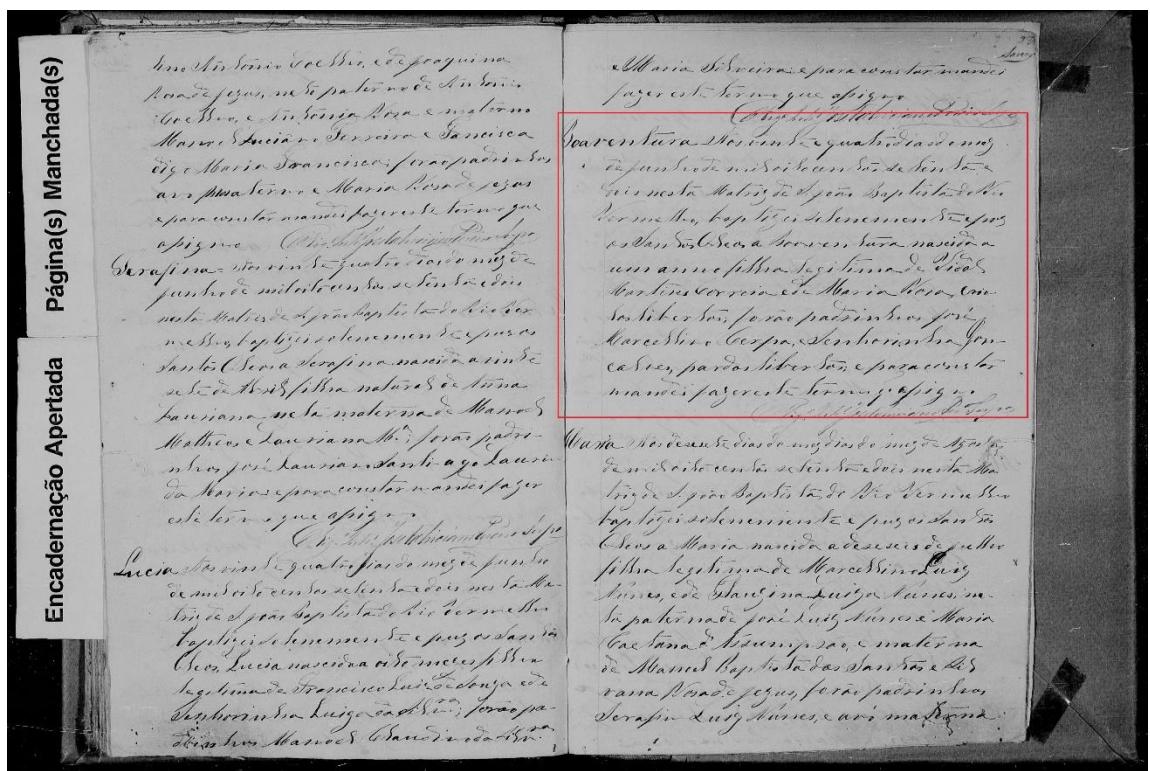
Família que hoje reivindica a sua história. São os filhos de Vidal e Maria Rosa que dão continuidade a essa história, repassando as memórias trazidas por seus antepassados. De acordo com os relatos, o fato da longevidade de Vidal e Maria Rosa são fatores cruciais para a manutenção dessas memórias e, assim, da história.

[...] a questão do Quilombo é... eu não conhecia o Vidal Martins, também não conheci meu bisavô, o Boaventura, que é filho do Vidal, eu conheci o meu avô, né, que é o Izidro, o filho do Boaventura. Então o que eu sei de Boaventura e Maria Rosa Jacinta Joana, enfim... todos, né? Foi contada para mim, né, através da minha mãe, do meu avô. E meu vô conviveu com eles, então foi contado através, é... do meu avô e passou um pouco para gente e depois que ele passou, mais foi a minha mãe mesmo e os meus tios, né? que continuaram vivos e conseguindo passar.... É.... A história do Quilombo Vidal Martins ela foi... ela ficou na verdade é registrada devido a essa fala dos mais velhos, essa lembrança de não deixar morrer aquilo que os ancestrais, né? Contaram, a gente sempre dizia e é um ditado que a gente fala até hoje, né? Apesar de já ver televisão para nós, a gente fala que quem não tem televisão conta uma história, eu não tinha televisão em casa, então a gente ouvia muito, né, as histórias do meu avô é.... a

gente sempre ouvia do meu vô que os ancestrais dele... [...] O que eu vejo com isso tudo? Eu vejo que essa lembrança dele... a convivência dele com o Vidal, sabe? com os próprios irmãos isso acabou fazendo com que essa história da comunidade ela não vinhesse se perder porque ela passou para nós, passou para minha mãe e continua até nos dias atuais. Mas o mais importante foi o fato do Vidal Martins, da Maria Rosa, de eles terem morrido muito velhinhos e quando o... e o pai do meu vô também porque o pai no meu vô morreu em 1943, ele morreu com 95 anos e a Maria Rosa morreu com 93 anos, então por eles ter vivido muito tempo e ter passado, né? Ter convivido uma boa parte do tempo com os filhos e os netos, essa informação ela conseguiu ser aproveitada bastante porque o meu vô tinha trinta e poucos anos quando o pai dele morreu e quando o meu vô morreu a mesma coisa, a minha mãe estava com trinta e poucos anos, então foi muita informação[...]

Na pesquisa documental, foram encontradas as certidões de batismo de quatro filhos de Vidal e Maria Rosa, que seguem nas figuras a seguir:

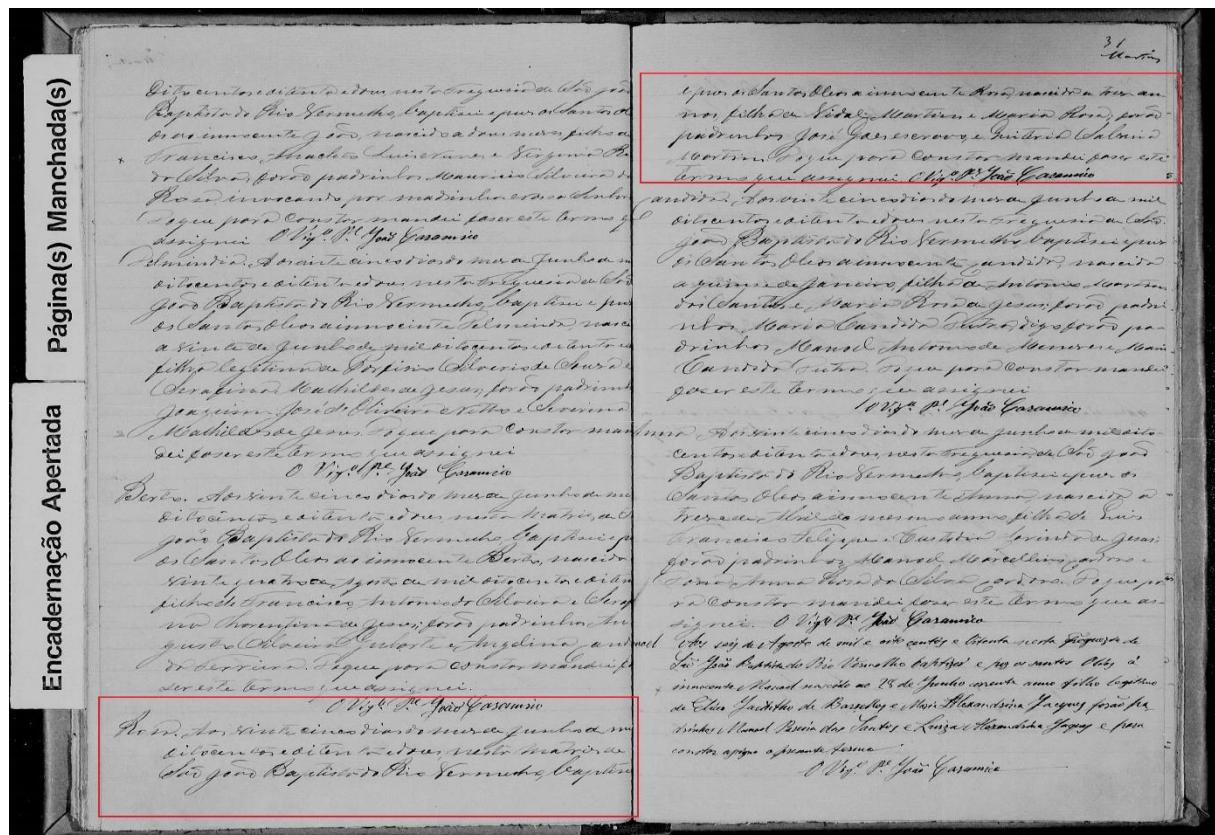
Figura 12 - Página da certidão de batismo de Boaventura Vidal Martins



Fonte: Santa Catarina (2020a). Disponível no database de imagens FamilySearch..

Transcrição: Certidão de batismo de Boaventura Vidal Martins, registrada em 24 de julho de 1872, na igreja de São João Batista do Rio Vermelho, nascido há uma semana, filho legítimo de Vidal Martins Correia e Maria Rosa de Jesus, padrinho José Marcelino Correia e nome da Madrinha incompreensível, pardos livres. Assinatura do Padre incompreensível.

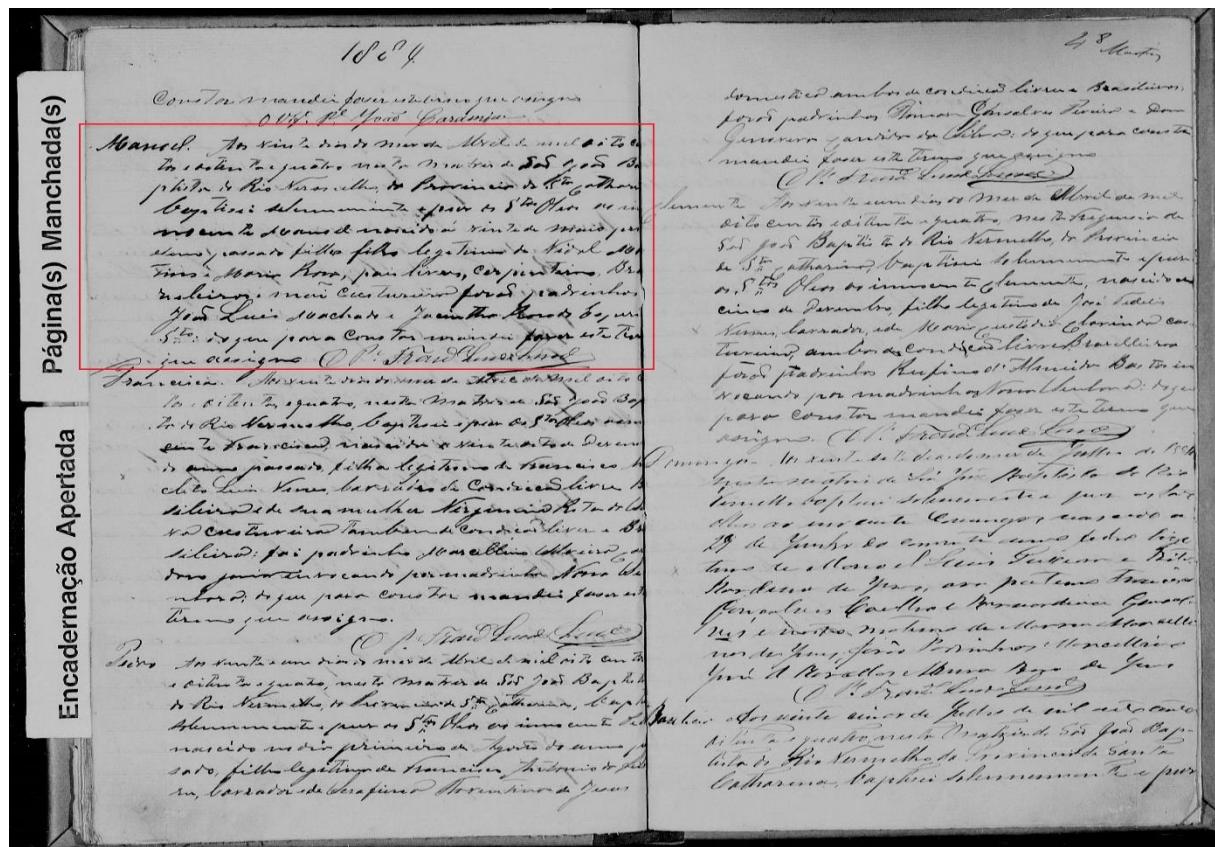
Figura 13 - Página da certidão de batismo de Rosa Maria



Fonte: Santa Catarina (2019a). Disponível no database de imagens *FamilySearch*.

Transcrição: Certidão de batismo de Rosa Maria, no dia 25 de junho do ano de 1882, na igreja de São João Batista do Rio Vermelho, filha legitima de Vidal Martins e Maria Rosa de Jesus, e como padrinho José Goes escravo e Quitéria Sabina Martins. Assinatura do Padre incomprensível.

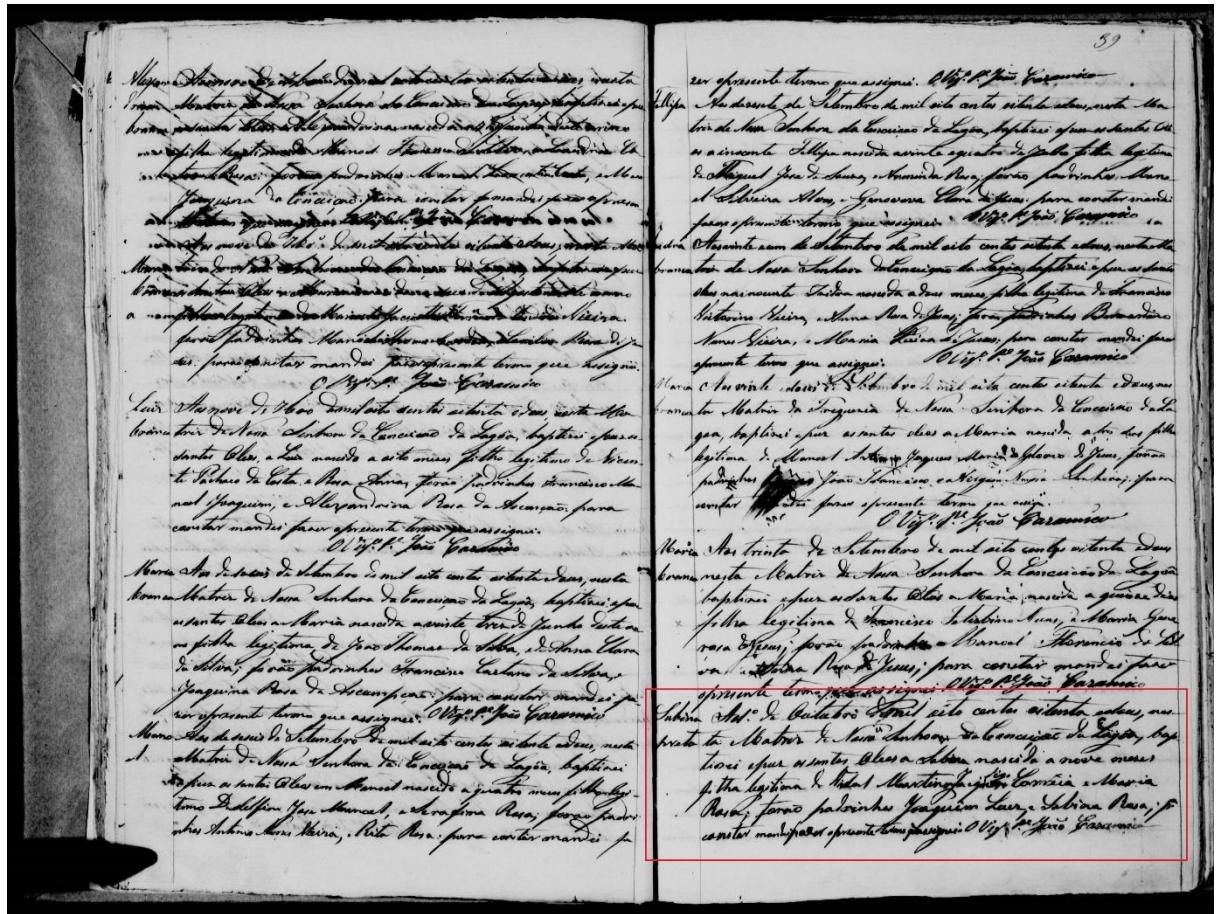
Figura 14 - Página da certidão de batismo de Manuel Vidal Martins



Fonte: Santa Catarina (2020c). Disponível no database de imagens FamilySearch.

Transcrição: Certidão de batismo de Manuel Vidal Martins realizada no dia 20 de abril do ano de 1884, na igreja de São João Batista do Rio Vermelho, filho legítimo de Vidal Martins e Maria Rosa de Jesus, pais livres, pai carpinteiro, brasileiro, mãe costureira, foram padrinhos João Luiz Pulcheria e Jacintha Rosa, seguido da assinatura do vigário Padre João sobrenome incompreensível.

Figura 15 - Página da certidão de batismo de Sabina Correia



Fonte: Santa Catarina (2020b). Disponível no database de imagens *FamilySearch*.

Transcrição: Certidão de batismo de Sabina Correia, nessa certidão o nome de Sabina segue da palavra preta, diferente das outras, ela foi registrada na igreja matriz da Nossa senhora da conceição na Lagoa, no dia primeiro de outubro do ano de 1884, nascida há nove meses, é filha legítima de Vidal Martins Correia e Maria Rosa de Jesus, tendo como padrinhos Joaquim Luiz e Sabina Rosa, assinado pelo Vigário nome e sobrenome incompreensível.

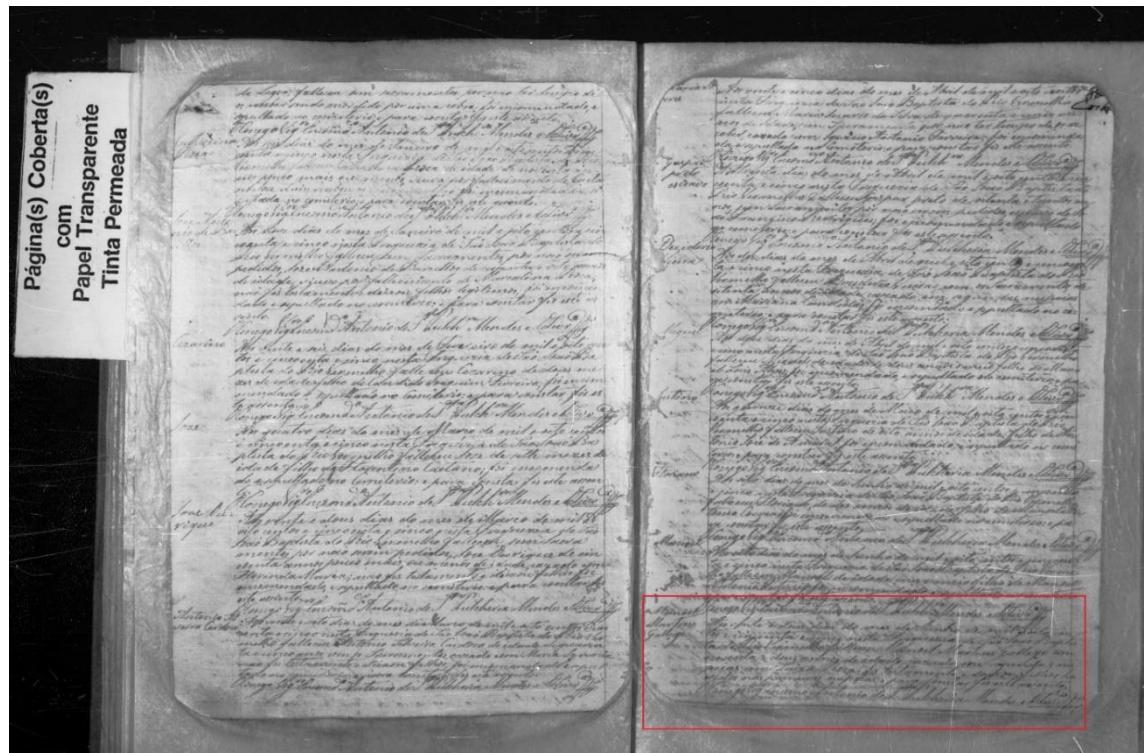
E, assim, através dos filhos, netos, bisnetos, trinetos e agora com os tataranetos, ou seja, os descendentes de Vidal e Maria Rosa, as memórias dessa comunidade não foram esquecidas. Manuel Martins Gallego, senhor de Vidal Martins, faleceu e passou a posse das pessoas que ele escravizava para seus filhos, Marcelino Martins Correia e Florentino Martins Corrêa, de acordo com os relatos, seus últimos senhores não tiveram filhos e, por sua vez, ao falecerem, suas terras foram repassadas para as pessoas escravizadas que ali moravam:

[...] O Gallego dividiu as terras ali para cada. E dois irmãos ficaram com as mesmas terras e daí esses dois irmãos... um era Senhor do Vidal que antes era escravo do... do Gallego e depois que o pai morre é que os filhos passam a ser donos dos escravos dele... [...] automaticamente (quando os filhos de Gallego morrem), eles ficaram, né, morando (nas terras de Gallego), tanto

que quando o Estado veio, eles falavam que, né, não tinha, né, "Ah, os mais velhos já morreram então, né? Você não tem mais direito à terra" que era o meu vô, ou seja, os escravos já morreram e como os escravos morreram vocês já não tem mais direito dessas terras.

Na figura a seguir, consta a certidão de óbito de Manoel Martins Gallego, falecido no ano de 1855.

Figura 16 - Página da certidão de óbito de Manoel Martins Gallego



Fonte: Santa Catarina (2019d). Disponível no database de imagens FamilySearch.

Transcrição: Certidão de óbito de Manoel Martins Gallego, aos vinte dois dias do mês de dezembro do ano de 1855, foi registrado nesta arquidiocese da paróquia de São João Baptista do Rio Vermelho, o falecimento de Manoel Martins Gallego, com noventa e dois anos de idade (incompreensível). Luiza Roza testemunha e deixou os filhos (incompreensível). Conego Antônio de Santa Pulcheria Mendes de Oliveira.

Passados os anos, a história da família Vidal agora ganha outros enredos além do de pessoas escravizadas. Doravante, a família passa a lutar pelo direito à moradia. Nesse instante, a presente pesquisa segue os relatos dos descendentes de Boaventura Vidal Martins. Boaventura era filho de Vidal e Maria Rosa e foi pai de Izidro Boaventura Vidal, o senhor Izidro, pode-se dizer que foi o responsável por hoje conhecermos essa história. São as memórias e lembranças relatadas pelo Seu Izidro que estão nas narrativas dos nossos entrevistados, que puderam conviver com ele.

Era um ritual, as memórias eram repassadas nos momentos em conjunto da família, as vezes na mesa durante as refeições ou ao redor de uma fogueira, a tradição de contar histórias foi repassada de pai para filho, que fez questão de não a deixar sucumbir ao esquecimento:

[...] Quando nós era pequeno, ele (Izidro) contava essas histórias para nós em casa, ele fazia uma fogueira assim no chão, ficava eu ficava, os meus irmãos, aí nós ficava ali esquentando fogo porque a nossa casa era de Barro de estuque. Nós ficava ali esquentando Fogo porque a nossa casa era muito frio, aí ele começava a contar história pra nós, assava milho, assava siri, assava camarão ali, nós ficava comendo e ele ficava contando a história para nós, o meu pai. [...] o meu vô (Izidro) é assim ó, eles sempre compravam para o meu vô é... uma bolacha salgada e dai ele tomava todo dia, ele tomava um limão na cachaça e botava um açúcar ali. Então era uma briga por causa da bolacha e do açúcar porque não tinha que comer e a gente sabia que o vô tinha bolacha e bem no fim ele dava tudo para os netos, tá? Daí a gente se reunia na cadeira dele, e ficava ali sondando para ver se ganhava, para mãe não ver, para ninguém ver, né? Nem para as tias ver, e ele pegava e dava. E conversava. E depois, sim, depois que a gente cresceu era em casa mesmo não tinha televisão não tinha nada a mãe começava a contar, o tio Odílio começava a contar, né? As histórias dos antigos da mulher que era que era... como é?... que trabalhava com o padre e tal...[...] é importante porque foi a história de uma luta e se não fosse os mais velhos contar para nós essa história dentro do Rio Vermelho e dentro de Santa Catarina, era apagada e o nosso pai contava para nós.

As histórias de Seu Izidro sempre iam ao encontro da questão das terras em que seu avô e seu pai morreram e que ele viveu e depois teve que sair, devido a uma retirada que para a família foi muito violenta e injusta. Dona Jucélia e Seu Odílio, ambos filhos de Izidro, trazem na memória as lembranças de serem retirados das terras em que viveram seus antepassados. Talvez a inconformação de Izidro com a retirada das terras seja o principal, ou um dos fatos de hoje as memórias serem tão revividas e mantidas para a posteridade.

Todavia, o que nos importa saber é que as terras que hoje estão em processo para a transposição de posse definitiva da comunidade são de grande importância para o que hoje conhecemos sobre Vidal Martins. E de certo ponto, um pouco da história de pessoas negras que foram escravizadas em Florianópolis, por sua vez, faz parte da história de todo um período que em inúmeras vezes tentaram apagar ou silenciar.

[...] O quilombo para mim é uma casa, é uma família e é resistência porque nós estamos aqui para cultivar a cultura que os meus antepassados moraram aqui e aqui eles cultivavam a cultura. Aqui tem sangue derramado dos meus antepassados, tem umbigo deles enterrado, então isso aqui é nosso por direito, que já foi estudo tudo feito e é nosso por direito.

É uma história de resistência, de resistência da cultura, resistência da sua própria história e resistência a uma conjuntura estrutural de violências vividas por todo um grupo. Entre as violências estão a violência patrimonial; violência física; violência mental, entre outras. Nem o direito constituinte eles podiam exercer sem que fossem violentamente expostos a essa estrutura de uma sociedade racista e violenta:

[...] é, o pessoal vinha pegar ele (Izidro) para votar em casa, em cima de um cavalo, e ele ia na frente porque ele tinha que votar para o partido que eles dissessem que tinha que votar⁶.

Izidro contou a sua história e ela foi gravada na memória de seus filhos e netos, que hoje contam para todos que queiram ouvir. Na imagem a seguir, estão Dona Jucélia e Seu Odílio, filhos de Izidro, e atualmente os remanescentes mais velhos vivos da comunidade são eles, os atuais Griôs da comunidade.

Figura 17 - Dona Jucélia e seu Odílio



Fonte: Quilombo Vidal Martins (2019).

Portanto, a luta pelas terras vai além de um espaço físico, ela representa, também, aqueles que dela fizeram sua morada e todo um conjunto de lembranças e memórias que configuram essa história. Dessa maneira, essas terras são “o lugar de memória dos Vidal Martins”.

⁶ Prática conhecida como o Voto de Cabresto. “Era usado o voto de cabresto, onde o coronel (fazendeiro) obrigava e usava até mesmo de violência para que os eleitores de seu "curral eleitoral" votassem nos candidatos apoiados por ele.” (ROCHA, 2012, p.50).

Assim como o voto forçado, vivido por Izidro, forçada também foi a retirada da comunidade do espaço em que residiam. A retirada dos remanescentes quilombolas, de acordo com as narrativas, ocorreu em dois períodos.

[...] Foi na época da Ditadura Militar e o Henrique Berenhauser que ajudou a tirar nós aqui das nossas terras, mentindo que ia plantar Pinus, que esses pinos também ia servir para nós. [...] eu sou Jucélia Beatriz Vidal, sou doméstica, tive cinco filhos, sustentei meus cinco filhos nas forças dos meus braços, pegando siri na praia, pegando siri na lagoa, pegando maçambic, pegando linguaruda para dar o sustento para os meus filhos, aí quando o Henrique Berenhauser veio para cá que botou uma cerca ali no portão nós não podemos mais ir na lagoa pegar um siri, ninguém pode mais ir na lagoa pegar um camarão, nós só ia na praia. [...] Então é na verdade foi no Rio Vermelho todo, né? Foi o golpe da reforma agrária, então eles passaram no Rio Vermelho todo a população do Rio Vermelho que tinha terreno que dava até os cômodos ali da praia perdeu porque eles falaram que “eu quero para uma melhoria”, que era para plantar os pinos e que depois a população iria, né? Através desses pinos iria receber recursos e tal que serviria para madeira para conter as duas. Na verdade, eles fizeram de várias formas e daí as pessoas brancas que tinha seus títulos de terra ficavam com as terras né? Mesmo que recebendo também foram golpeados também porque uma parte eles não receberam no caso do meu avô como ele não tinha o título de terra no nome dele tava no nome dos senhores, o Estado não considerou, não foi visto como terra deles e daí tiveram que sair. A minha tia avó é que é a Otília, ficou com um pedaço aqui do lado do parque e o meu avô pegou e viajou para o Rio Grande, ficou um tempão fora, voltou juntou dinheiro, né? A família ficou aqui e comprou um espaço que tá lá em cima, mas foi um.... é porque não consideraram, não quiseram nem saber “não tá no teu nome, os escravos já morreram mais velho, né? Já morreram, vocês não têm direito”.

A expropriação da comunidade quilombola teve início na década de 1960, quando o engenheiro florestal Henrique Berenhauser começa uma empreitada florestal na região que hoje é o espaço destinado ao Parque estadual do Rio Vermelho e ao camping. Com a tentativa de conter o crescimento das dunas na região, Berenhauser monta um reflorestamento com o plantio de mudas de pinus e eucaliptos, que modificam completamente a flora e a fauna da região. Contudo, o plantio cresceu de forma desordenada, matando espécies naturais da região.

A empreitada foi muito comemorada pelo poder público da época, como visto na nota do jornal O Estado, na edição de 1964⁷:

⁷ Disponível na hemeroteca digital de Santa Catarina:
<http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/oestadofpolis/1964/EST196414931.pdf> Acesso em 24 jul. 2021.

Figura 18 - Nota do Jornal O Estado falando da Empreitada Florestal de Berenhauser



Fonte: O Estado (1964). Disponível na Hemeroteca Digital Catarinense.

A nota trata da visita do padre Raulino Reitz, biólogo, à estação florestal do Rio Vermelho, em que escreve uma carta ao então presidente da associação rural de Florianópolis, o engenheiro florestal Henrique Berenhauser. A carta vem elogiar Henrique Berenhauser pela

execução do plano de reflorestar e florestar a extensa área de 8km que fica entre a Lagoa da Conceição e o oceano. Além disso, o padre também elogia a forma como o engenheiro florestal vem fazendo esse trabalho e sua repercussão no Rio Grande do Sul.

E nesse processo os moradores vão sendo realocados, alguns são espremidos em poucos espaços, e alguns membros da família mudam-se para outras regiões, como a Costa da Lagoa.

Através da exploração de alto contingente de mão de obra e maquinaria pesada, com cercamento de extensas áreas, foi sendo criado o ambiente que daria origem à perfeição geométrica da “floresta” pura idealizada, “remissão da população local” e recuperação do “ecossistema original” (ver Capítulo I, p. 21), conforme as palavras de Berenhauser que foram analisadas na primeira parte do capítulo. Vegetação nativa foi desmatada para dar lugar às espécies de pinus. Cursos d’água foram canalizados em linhas retas, valas foram escavadas para ressecar o solo para plantio. Dunas foram “níveladas”, áreas pantanosas foram aterradas, caminhos e lugares deixaram de existir na paisagem. Cercas foram erguidas, os habitantes da região foram retirados e proibidos de realizar atividades ali para dar lugar à Estação. Para assegurar o sucesso do “reflorestamento”, proibiu-se ali toda forma de uso direto da terra, tais como o extrativismo, a agricultura itinerante, a caça. Enfim, proibiu-se e tentou-se impedir a continuidade e a proliferação de modos de vida singulares, que não levam em conta a separação entre “espaços de natureza” e “espaços de cultura”, de toda uma socialidade que necessariamente está ligada àquele ambiente. Ou seja, a paisagem que até então fazia parte das relações sociais dos Vidal Martins lhes foi negada pelo Estado, como parte de um procedimento de recuperação de uma pureza natural de uma suposta floresta original. Mas que “origem” é esta? Que floresta é esta que se quer recuperar? E como os procedimentos empreendidos com este objetivo poderiam levar a este retorno quase edênico à suposta pureza? (VALDEZ, 2017, p. 33.)

Após o processo de reflorestamento, um fato importante de âmbito nacional culminou para a saída definitiva da família Vidal Martins do espaço em que residiam, a Ditadura Militar, que teve início em 1964. O golpe foi derradeiro na retirada da família do espaço. Sem opção de poder continuar nas terras em que seus antepassados trabalharam, Izidro passa a trabalhar em vários lugares para juntar dinheiro e comprar um pedaço de terra para a sua família.

Casado com Beatriz Geraldina Vidal, Izidro sai em busca de trabalho em lugares distantes e chega a ficar por muito tempo sem voltar para casa, trabalhando como pescador no Rio Grande do Sul. De acordo com trechos do diário de campo, ao retornar para casa, os filhos de Izidro não abrem a porta porque desconhecem aquele estranho. Seu Izidro, depois de muito trabalho, consegue juntar dinheiro para comprar um espaço de aproximadamente 900m que fica dentro das terras das quais eles foram expulsos, muito próximo do Parque do Rio Vermelho, localizado na Rodovia João Gualberto Soares no Bairro Rio Vermelho. E é nesse espaço que sua família reside até os dias atuais.

[...] que o vô perdeu a terra na época do golpe militar ficaram sem nada, o vô teve que viajar para o Rio Grande para continuar aqui porque não queria ir embora, porque foi aqui que os ancestrais dele morreram...

No período em que esteve fora trabalhando, a responsável pela criação dos filhos e conservação da casa foi Beatriz Geraldina Vidal, ela sozinha teve que garantir a segurança e união da família, e novamente percebemos a força das mulheres nas memórias da comunidade.

[...] o meu vô (Izidro) foi pro o Rio Grande, a minha vó (Beatriz) teve que ficar aqui com todos os filhos, teve que alimentar eles, teve que cuidar deles [...] Elas (as mulheres Vidal) tiveram que levar a casa, elas tiveram que dá essa continuidade. Então, de ver isso delas é... essa luta delas, essa garra delas, nós começamos da mesma forma. Muitas das vezes as pessoas falam "Ah, mas vocês falam alto. A fala de você ser forte". Nós somos mulheres negras, nós somos daquele tipo de mulher que as pessoas falam, nós já estamos analisando. Porque a gente já sabe que ali não vem coisa boa... [...] A vó (Beatriz) não, a avó rasgava título de eleitor, a vó já deu surra em delegado, a vó. Meu Deus, a Vó já fez coisas do arco da velha é porque a vó, ela tinha essas duas coisas, ela era Negra, mas também ela tinha mistura com branco, ela não se dobrava, ela era ruim, a vó, ela era ruim e as mulheres da família da vó eram ruim.

Na fala em que a entrevistada compara as mulheres da família como “as mulheres da família da vó eram ruim”, por muito tempo ouvimos isso, de que a mulher que não se curva aos caprichos de uma sociedade patriarcal e machista deve ter algum problema ou simplesmente ser uma “mulher ruim” como no relato. Entretanto, a entrevistada se utiliza desse adjetivo não de forma pejorativa e, sim, como uma característica de força.

A força do matriarcado dessa família, que é peça fundamental na consolidação do que é ser um remanescente quilombola e descendente de pessoas que já foram escravizadas, vem de Jacinta, Joana, Maria Rosa, Jucélia, Shirlen, Helena e de todas as outras mulheres do quilombo. Na imagem a seguir estão algumas dessas mulheres. Dona Jucélia, a matriarca da família e as irmãs Helena e Shirlen, atuais representantes da comunidade e responssavés pelo processo de busca por documentações referentes à comunidade.

Figura 19 - Helena, Dona Jucélia e Shirlen



Fonte: Bastos (2015), foto tirada por Guto Kuerten.

É a força da mulher que sai cedo para o trabalho, às vezes sai quando é noite e retorna quando é noite, para o sustento dos filhos. Que trabalha na roça, na pescaria e ainda tem toda a delicadeza de produzir lindas peças como na renda de Bilro e na arte de trançar. São essas mulheres que estão lutando pela história e pelos direitos da comunidade.

Depois de conversas e lágrimas, voltamos para a casa da avó Jucélia, que nos esperava na porta da sua casa e me convida para entrar: “*Venha, entra aqui. Eu nunca deixo ninguém entrar na minha casa, é muito pequena e apertada, mas fiquei de olho em ti a tarde toda, e vi que és da nossa gente. Quero te mostrar a minha arte.*” E ela me mostra sua renda de bilro, um pássaro azul. E eu, tomada pela emoção só sabia agradecer por tudo que tinha vivido. Ela pega em minhas mãos e diz: “*quando você voltar, no tempo que for, vou pegar nas tuas mãos e te ensinar a renda de bilro*” (SANTOS, 2020, p.124).

A presença da força está na criação dos filhos, que desde cedo tiveram que conviver com brutalidades como o preconceito racial, esse vindo por vezes de quem deveria ser um exemplo para a formação humana, e em outras vezes da comunidade branca do bairro. Nas falas, as memórias de ser um remanescente quilombola levou os entrevistados a recordarem o período escolar em que conviveram com o preconceito e com a desinformação e o estigma do que foi o período de escravidão no Brasil:

[...] sabe? Toda a nossa história passando fome, todo o nosso histórico na escola dos professores, né? Não quererem chegar perto da gente. Da gente chegar morrendo de fome, suado, sabe? Disso tudo é... Acaba dentro de nós acabamos usando uma certa revolta do pessoal do Rio Vermelho, os meninos não se interessaram por nós porque nós era negra, nós era pobre e na escola a gente só ser escolhido na educação física. Tirando educação física, nós não tínhamos serventia para mais nada... [...] o meu irmão sempre dizia quando tinha aula de história a gente nem ia porque eles falavam da escravidão e meu irmão disse assim ó! "Meu Deus, eles falam dos escravos como se os escravos ficaram sendo escravos porque eles queriam", sabe? E essa... essas aulas, a gente se até faltava a gente não gostava de ir se pudesse dizer assim "ah, vamos matar essa aula", a gente matava ela mesmo... [...] se tu for analisar, até alguns anos atrás podiam chamar a nós de "macaca" "Ah, seus macacos. Ah, suas preta fedida. Ah, sua não sei o que", poderiam chamar nós. Dos nossos filhos no caso do meu filho para cá que não pode mais tanto que ele nunca passou por essa situação na escola...

E é sob essa ótica que também chega até eles a percepção da branquitude no Estado. Na compreensão de que as suas características físicas não correspondem ao que é idealizado para um estado no sul do país, em que:

[...] Pensa bem, é, muitos anos atrás, uma pessoa negra para soltar o cabelo, ela não fazia isso... Todo mundo, hoje tu vê aqueles blacks enorme porque alguém fez, alguém lutou, alguém levantou a bandeira e o fato da comunidade quilombola ter toda essa visibilidade (**não compreendido**), quase todo mundo vê Florianópolis como lugar de Xuxa, Gustavo Kuerten e vários e vários...

As mazelas são inúmeras, mas elas não contiveram os descendentes a uma condição de conformação:

[...] lá tem uma comunidade... Lá em Florianópolis, que é escrava de padre tá lutando pelo seu território, lá são mulheres, são crianças. Retomaram as terras, sabe? Foram e retomaram... [...] Eu acho que o incentivo vem disso, de tu não tem vergonha de dizer que tu é descendente de escravo porque antes isso era motivo pra se envergonhar.... "ah, eu vou dizer que sou descendente de escravos..." (**não compreendido**) a gente, não. A gente tem orgulho pela luta deles, a gente tem orgulho pelo todo exposto que o meu avô fez de, né?... querer morrer aqui... [...] e a terra que o vô perdeu, como que fica? que ele ficou super triste, dizia que um dia nós iríamos, né, conquistar essa terra, que ele não iria ver, mais nós viríamos, né? E como é que fica?

E nesse contexto, seguido da perda de um ente familiar que morreu em busca de terras para reunir a família, desde 2013, as irmãs Shirlen e Helena, filhas de Dona Jucélia, trinetas de

Vidal e Maria Rosa, estão lutando pela titulação de posse das terras na qual seus antepassados viveram. O processo em busca da titulação das terras foi um verdadeiro trabalho de detetive realizado pelas irmãs, elas partiram apenas com as informações advindas das memórias do avô, mãe e tios. Desse ponto em diante, as duas garimparam em toda Florianópolis dados que comprovassem as memórias dos seus antepassados.

[...] daí um dia eu e a Helena estávamos conversando, assim, que ele⁸(pai da Ellen, filha de Helena) morreu e tal... a gente pensou: pô! Nós moramos num espaço tão pequeno, nós temos os nossos filhos, daqui amanhã os nossos filhos vão sair daqui para tentar buscar um local onde seja grande e vai que acontece com eles tudo o que aconteceu com o pai da Ellen, a gente pensou: pô! O vô tem tanta terra, porque a gente já sabia da história do Parque que eles tinham morado aqui que eles tinham convivido aqui, daí a gente já sabia. Daí a gente pensou: pô! mas prescreveu, né? Faz tantos anos que prescreveu. Será que não tem nada? Daí a gente começou, né? A Helena começou a busca nos cartórios e eu comecei pela questão da documentação. E daí um dia a Helena conversando com o cara chamado Marco, ele falou dos quilombos, falou das comunidades quilombolas, "ah, os negros estão, né, reivindicando suas terras", ela perguntou o que era ... dai ela foi lá no Irasque (antigo instituto da reforma agrária de Santa Catarina) lá próximo o Incra tem o Irasque lá. E ela foi pegar os documentos do vô, ela encontrou um tal de Marcos Rodrigues e ele falou dos quilombos e mandou ela pro Incra. Chegou lá no Incra, ela falou com o Marcelo, que é o antropólogo, ela falou com o Japa, o Marcelo que começou a explicar né? E o Marcelo fez uma visita até a comunidade e começou a explicar para gente, daí a gente pegou e falou do quilombo, né? O que a gente é compartilhamos.... que o vô perdeu a terra na época do golpe militar, ficaram sem nada, o vô teve que viajar para o Rio Grande para continuar aqui porque não queria ir embora porque foi aqui que os ancestrais dele morreram e a gente resolveu a gente se juntou e mandamos uma autodeclaração para a Fundação Cultural Palmares, que foi até a comunidade, visitou a comunidade, ouviu a história, olhou a documentação e deu tempo a daí veio a certificação, é da comunidade, mas esse estrago deu devido tudo o que aconteceu com ele (pai da Ellen), sabe? A gente não querer que acontecesse isso com os nossos filhos porque até pra nós por enquanto não tá tudo bem. Até uma hora que tu acorda tá bom para mim, mas as minhas próximas gerações que vão vir, como fica?

⁸O ex-companheiro de Helena, pai de sua filha, foi encontrado morto em causas desconhecidas, ele estava trabalhando para trazer a sua família de Minas Gerais para viverem todos juntos, ele buscava pela união da sua família, mas, infelizmente, não concretizou esse desejo.

Quanto à certificação de comunidade que se autodeclara como comunidade remanescente quilombola, essa saiu na edição n. 208, de 2013, do Diário Oficial da União, nas páginas 18 e 19, como constam nas imagens a seguir.

Figura 20 - Portaria de certificação de comunidades que se autodefinem como remanescentes de quilombo

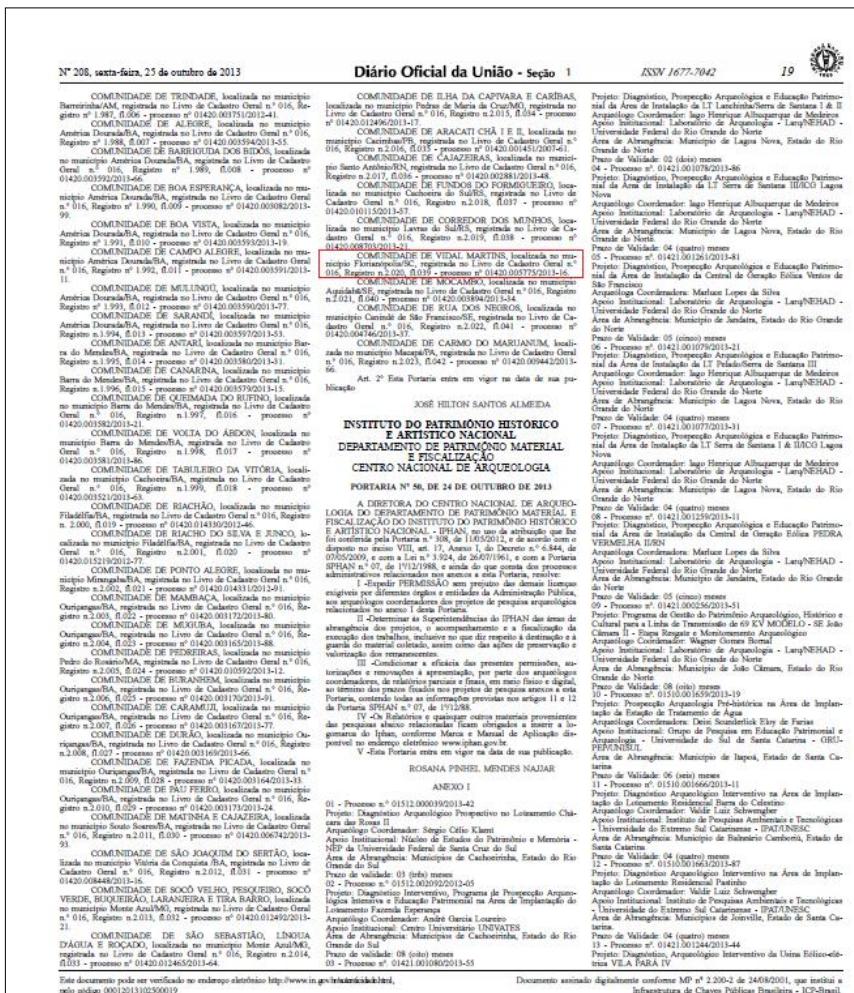
Fonte: Fundação Cultural Palmares (2013).

Transcrição: Fundação Cultural Palmares portaria N° 176, de 24 de outubro de 2013. O

Presidente da Fundação Cultural Palmares no uso de suas atribuições legais conferidas pelo artigo 1º da lei nº 7.668 de 22 de agosto de 1988, em conformidade com uma Convenção Nº 169 da Organização Internacional do Trabalho - OIT sobre Povos Indígenas e Tribais, ratificada pelo Decreto nº 5.051, de 19 de abril de 2004, o Decreto nº 4.887 de 20 de novembro de 2003, 1º e 2º do artigo 2º e 4º do artigo 3º e Portaria Interna nº 98 de 26 de novembro de 2007, publicada no Diário Oficial da União nº 228 de 28 de novembro de 2007, Seção 1, f. 29, resolve:

Artigo 1º REGISTRAR no Livro de Cadastro Geral nº 16 e CERTIFICAR que, conforme a declaração de Autodefinição e o processo em tramitação na Fundação Cultural Palmares, as comunidades a seguir SE AUTODEFINE COMO REMANESCENTES DE QUILOMBO:

Figura 21 - Página do DOU em que consta o nome da comunidade Vidal Martins



Fonte: Fundação Cultural Palmares (2013).

Transcrição: COMUNIDADE DE VIDAL MARTINS, localizada no município Florianópolis/SC, registrada no Livro de Cadastro Geral n.º 016, Registro n.2.020, fl.039 - processo nº 01420.005775/2013-16.

O certificado emitido pela Fundação Cultural Palmares atestando a comunidade como remanescente quilombola foi realizado em tempo bastante hábil. A data de abertura do processo aconteceu no dia 6 de março de 2013 e foi certificada em 25 de outubro de 2013, devido à massiva documentação que comprovava a narrativa dos descendentes quilombolas. A imagem a seguir consta o certificado emitido pela fundação Palmares.

Figura 22 - Certificado de Autodefinição



Fonte: Quilombo Vidal Martins (2013).

O fato de a certificação ter sido rápida não significa que foi um processo simples ou fácil, nem mesmo que garante a comunidade a posse de suas terras. Ao contrário, no ano de 2013, inicia um árduo processo em busca da restituição das terras quilombolas no Rio Vermelho. Com muito tino e perseverança, Shirlen e Helena atuam como detetives da sua própria história e passam a investigar os vestígios dessa história:

[...] não, com facilidade não. Pelo fato de como ser coisas antigas e fala de terra é... todo mundo fica com receio né? Terra de quem o que quer porque que quer? E os livros também eram letras de padre, então era umas letras horrível de se ler, a gente teve que aprender a ler aquela letra com muita dificuldade e toda vez que a gente encontrava um documento... a primeira vez primeiro a gente não sabia dos livros, né? A gente procurou não achou então a Helena se enfiava dentro dos cemitérios para procurar o nome das pessoas para ver se tinha algum conhecido, ela foi lá para Trindade, encontrou lá família Vidal, né? Que tem bastante

Vidal lá e começou a falar assim “eu encontrei esse, eu encontrei aquele” e depois a gente encontrou um site⁹, depois a gente foi nos livros da intendência, sabe? Mas, assim, tudo com muita dificuldade, a gente foi no centro, ali na... Ai meu Deus ali do lado do Colégio Catarinense, ali que dos padres (Arquidiocese de Florianópolis, Localizada na rua Esteves Junior, próximo ao Colégio Catarinense)... [...] Isso, é então a gente foi ali e para a gente era muito complicado porque todas as certidões eram pagas, nenhuma eram de graça, então as vezes a gente ia para o centro ou a gente comia ou a gente tirava certidão e nós passamos por muitas dificuldades porque, imagina, cada uma era paga, era muito escravo, era muito escravo, a gente não encontrou pouco, a gente encontrou muito e nós tivemos que tirar. Todas aquelas certidões e mais assim foi super difícil pelo fato da letra, do acesso, de como é de esconderem documentos, que nem o documento de terra, por exemplo, tava dentro do livro da Igreja Católica que está escondido no lugar aqui, é em Santa Catarina. Ou seja, a gente teve acesso por conhecimento tal, mas o livro de todas as terras de Santa Catarina é tão escondidos, a Igreja Católica que registrou em 1845, os padres pegaram e começaram a registrar, né? As terras que tinham porque daí Portugal, né? O Brasil se tornou Independente de Portugal. Já não existia mais aquelas seis marias tal... enfim. E daí começou a nova lei de terras para os negros não terem acesso também, estas terras a igreja começou a transcrever quem que tinha quem que não tinha e numa dessas o senhor do Vidal Martins mais a madrasta deles declararam terras ali que é bem a terra onde fica o parque, né? Declararam, mas assim foi muito difícil assim a parte mais... uma das partes mais difícil foi a documentação, pela tristeza em si, né? Que tu ver ali que a tua tataravó escrava. Escrava de um padre que deveria libertar, né? Que prega o amor de Cristo tu ver as meninas, as meninas, né? As filhas do Vidal terem filhos com 11 anos de idade. Ele já se bisavô então assim é... era triste entende? É triste, é muito revoltante, mas ao mesmo tempo saber de todas, né? A luta deles de todo esforço em sobrevivência, tá? Em sobreviver e tal é foi nosso para mim foi uma das partes mais difícil ficar acordada bater perna nós batemos muito a perna. Nossa, como nós batemos perna que para juntar tudo que a gente juntou nós levamos meses e meses e meses e meses...

Com certeza, o trilhar das irmãs na busca por fatos que comprovasse as histórias dos antepassados foi cheio de empecilhos. As demandas com custos, locomoção e até o cansaço se fizeram presentes. Entretanto, a força dos seus as mantiveram firmes nesse trilhar. Que a cada dia, semana, mês e ano ganham notoriedade e alcançam os lugares mais destintos da sociedade.

⁹ O FamilySearch é o site ao qual se referem, trata-se de uma organização internacional, sem fins lucrativos, dedicada a ajudar as pessoas a descobrir sua história da família. A Arquidiocese de Florianópolis cedeu uma enorme quantidade de arquivos ao site, para que as pessoas encontrem as informações desejadas e se for de interesse podem solicitar a transcrição do arquivo na Arquidiocese, que é um serviço pago.

4 CONSIDERAÇÕES “NÃO” FINAIS

São oito anos desde que toda a comunidade vem se mobilizando e mobilizando, também, outras pessoas através do compartilhamento de suas memórias. Compartilhando períodos da história de Florianópolis, compartilhando cultura, compartilhando exemplos de força e residência. Exemplos da força feminina negra que foram capazes de mostrar para toda uma sociedade fatos de um passado que por muito tempo foi silenciado.

Sentada diante da avó Jucélia, conheci pedaços de vidas entrelaçados por rendas de bilro (vindas das mãos escravas e feitas com espinhos) e na sua sabedoria diz: “se você quer mesmo conhecer nossa história, precisa primeiro pisar em nossas terras ancestrais, só sentindo para entendê...” Olhou para a filha e a sobrinha que nos acompanhavam, e disse somente: “vão!” E pelas mãos das duas, fui levada para conhecer as terras Quilombolas, distantes dali alguns quilômetros. Caminhávamos, as três mulheres, na beira do asfalto, no acostamento estreito. Seguíamos em fila indiana e em silêncio, uma composição de tempo, pensamento e passos firmes. Entramos nas terras que vigoram em processo de titulação, e algo me tomou por completo. Sem entender, chorei. Algo ali tomava uma proporção maior do que eu imaginaria, as duas contavam o que ali existia, pisávamos no que tinha sido a senzala, o cemitério, da vida que ali existira e também das mortes. E, quando me viram em lágrimas, pararam de falar. E uma delas disse: “Veja ela sentiu, ela sabe da ancestralidade, ela de algum jeito já teve aqui.” (SANTOS, 2020, p. 124)

E nessa mobilização, a comunidade Vidal Martins ganha notoriedade. Desde 2013, a comunidade já foi manchete várias vezes em reportagens. Nem sempre a mídia a aborda de forma imparcial ou justa, mas a aborda, e como apontado nas narrativas:

[...] lembrarem que a gente existe. Porque quem não é visto não é lembrado.

Observemos algumas das manchetes em que o Quilombo é referenciado:

Figura 23 - Matéria do Diário Catarinense na semana da Consciência Negra



Fonte: Bastos (2015).

Figura 24 - Matéria do ND+ Notícias sobre o prazo para a demarcação de terras

Incra tem 30 dias para demarcar quilombo em Florianópolis

A Justiça Federal de Santa Catarina estabeleceu o prazo para que o procedimento de demarcação na comunidade quilombola de Vidal Martins seja concluído

REDAÇÃO ND, FLORIANÓPOLIS
23/12/2020 às 16h24

A pedido do Ministério Público Federal, a [Justiça Federal em Santa Catarina](#) determinou que o Incra (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) conclua, em até 30 dias, o procedimento demarcatório da [comunidade quilombola de Vidal Martins](#).

Fonte: ND+ Notícias (2020).

Figura 25 - Matéria do Jornalistas Livres sobre a violência sofridas pelos remanescentes

Quilombo resiste à violência em área turística da Ilha de Santa Catarina

por Jornalistas Livres • 18/08/2018

Descendentes de escravos lutam para garantir direito à terra de primeira comunidade quilombola reconhecida em Florianópolis. Foto: arquivo Quilombo Vidal Martins

Fonte: Zanotto (2018).

Figura 26 - Matéria no NSC Total referente a incêndio no Parque

The screenshot shows a news article from NSC Total. The title is "Bombeiros são impedidos de passar para conter incêndio no Parque do Rio Vermelho, afirmam comandante e IMA; entidade quilombola nega". Below the title is a photo of a firefighter with a red banner that reads "#VOOPELAVIDA". To the right is a portrait of the columnist Renato Igor. The text below the photo discusses a fire at the park and mentions the Quilombola entity.

Fonte: Igor (2020).

Figura 27 - Matéria no ND+ sobre a história do Quilombo

The screenshot shows a news article from ND+. The title is "Descendentes de escravos do século 18 formam o primeiro quilombo de Florianópolis". It features a photo of two lions and a quote about the Bioparque catarinense. Below the title is a subtitle: "Quilombo Vidal Martins fica na localidade do Porto, no Rio Vermelho". The author is Edson Rosa, from Florianópolis, dated 19/08/2014. The text includes a historical note about Vidal Martins and his descendants.

Fonte: Rosa (2014).

E nesse processo a comunidade alcança reconhecimento, principalmente pelo entorno da sua área, no bairro do Rio Vermelho. Agora, muitos sabem que ali tem um quilombo, que ali tem um grupo reivindicando a posse das suas terras. A luta, agora, não é mais só dos

remanescentes, nesse período, a comunidade formou uma rede social que lhes trouxe outros dispostos a lutar pela causa.

Contudo, a visibilidade da comunidade também foi observada por grupos que, ou por desconhecerem a história da comunidade ou por simplesmente serem pessoas racistas e concluírem, erroneamente, que a comunidade é um lugar de gente inferior, são avessos à possibilidade de as terras serem entregues para a eles.

[...] o que acontece é aquilo que o pessoal do Rio Vermelho primeiramente é... eles jamais, né? Que nem eles dizem que os negros invadiram as Universidades, eles vão querer que nós negros tenhamos o poder aquisitivo tão grande, né? E reconstrua a nossa história? E o Rio Vermelho, como eles são descendentes daqueles que escravizaram a nossa família, é óbvio que eles não vão. Jamais! Tentar a questão quilombola porque tá no sangue deles grita ali no sangue deles, mesmo sem eles perceber e muito deles tiveram pessoas da nossa família, né? Que foram é escravizado por pessoas da família deles [...] é mais a gente entende que no Rio Vermelho essa coisa porque eles pensam... uma comunidade que vivia lá embaixo pobre chamado de favela de ninguém. Não tem nada miserável e de repente essa comunidade acorda e começa a lutar pelos seus direitos que antes eram uma área que não tinha valor, que ninguém quis, não havia interesse, é pelo fato de ser uma área com dunas com muita água difícil, sabe? E de repente essa área ela se modifica totalmente e ela passa a ter um valor enorme porque na frente tem uma lagoa, atrás tem um mar, dentro de uma área de preservação e a gente sai e começa a dizer "olha nós somos descendentes de escravos", né?... Que nem eu vi na semana passada um cara dizendo "ah, será que eles vão devolver aquele terreno que eles ganharam em troca, do Estado, pelas terras" daí o outro botou assim em baixo "ah, mas como é que tu sabe dessa informação?" "ah, porque a gente conhece a família Vidal na época da reforma agrária não sei o que...", só que a história não é essa, a história é que houve o golpe, sim, e que a gente não recebeu terreno nenhum, pelo contrário, a gente foi tirado e o vô teve que comprar um pedaço que tu viu. Daí eu fico pensando, assim, ele conhece a família Vidal, que somos nós, ele não conheceu Boaventura, ele não conheceu Vidal Martins, ele não conheceu Joana e ele não conheceu Jacinta. Ele não sabe da história dos nossos ancestrais. Então, o que ele sabe até e um pontinho ali deu! Acabou! Sabe? Por isso que eu digo, eu vejo que muitas pessoas são favoráveis, mas muitas pessoas principalmente as pessoas brancas, né?... Elas não aceitam, jamais vão aceitar, (incompreensível) bem para o Rio Vermelho e eu fico pensando.... Mas no ponto de vista eles não querem saber da gente aqui não, não vejo isso...

E assim se dá a relação da comunidade com o bairro, alguns apoiam, outros nem tanto, mas isso não atrapalha na perseverança que continua, os obstáculos surgem e são contornados.

Há um bom tempo, o IMA e a comunidade travam uma batalha judicial em prol da titulação definitiva das terras, em várias instâncias a decisão foi favorável à comunidade, mas ainda assim, essa não obteve a titulação de posse em nome da comunidade. Esse seria um motivo para que os descendentes de Vidal e Maria Rosa desissem e se conformassem apenas com o que conquistaram até o momento, mas não para elas e eles.

Acontece que agora a luta vai além, a luta não só é importante para os Vidal, trata-se também de uma luta quilombola, e por isso, é uma luta de muitas outras comunidades remanescentes tanto em Santa Catarina quanto no Brasil.

[...] eu vejo que o fato, Kariane, da gente se reconhecer, não ter vergonha de gritar para o mundo, para o Brasil, que nós somos uma comunidade negra, que nós temos orgulho da luta dos nossos antepassados, sabe? E de nós levantarmos a bandeira com muita força, eu acho que isso contribui muito [...] Até o Marcos tava falando para mim que tinha uma família que queria se reconhecer, o BL também, devido à própria história da comunidade, viram, né? Tudo que a gente conquistou, tudo que a gente está lutando e queriam se reconhecer como quilombola, então de uma certa forma isso tem uma força, sabe? Isso acaba incentivando muita gente, de que dá para lutar, dá para acreditar naquilo que é teu. [...] Então, assim, é, eu vejo que se...o dia mesmo que a comunidade ganhar o título de terra vai bombar (risos)...

Essa luta é importante para outras comunidades quilombolas, é importante para toda a comunidade negra de Florianópolis, e também para a comunidade não negra. Essa luta é importante para todas e todos as/os Ellens, Shirlens, Helenas, Jucélias, Odílios, Izidros, Boaventuras, Vidals, Marias Rosas, Joanas e Jacintas, é de fato uma reparação que ainda tem muito a melhorar, mas essa é só o início de muitas outras. Por hora, Seu Izidro é honrado com as conquistas que os seus realizaram:

[...] E ele sabia! Ele deixou bem transparente para gente que ele não iria ver, ele já sabia que ele não iria ver. Mas ele falou que a nossa geração viria. Ele assim “eu não conquistei, mas eu sei que a geração de vocês vai, vai conquistar a terra novamente” e realmente foi a nossa geração, né? A nossa geração que foi para cima, brigou e, né? Acabou adquirindo novamente as terras, né? Tá lutando ainda por ela, né?

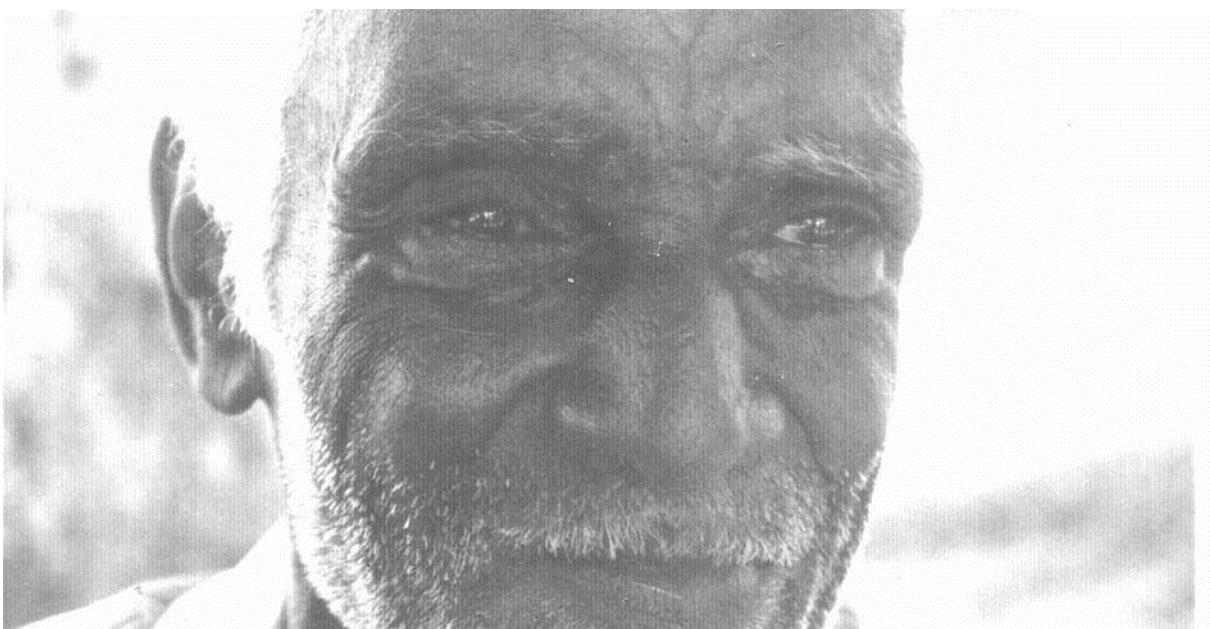
Na construção da história do Quilombo, tecido nas memórias de Jacinta, Joana, Vidal, Maria Rosa, Boaventura, Izidro e Beatriz, que majestosamente repassaram para seus descendentes, foi construído o presente dossiê. Este documento registrou e organizou as memórias e os documentos que retratam a história da comunidade em um único suporte, formando, então, um lugar de memória. Assim, tanto os remanescentes quanto os interessados podem conhecer sobre esse espaço, sobre essa comunidade e sobre uma história um tanto

desconhecida do município que se faz na importância de preservar a memória da comunidade Vidal Martins para a história de Florianópolis.

Assim, encerro esta seção com as seguintes falas, que representam as memórias da comunidade. Não são só as memórias de um povo que foi escravizado. Não! Porque não é a escravidão que representa o povo negro de Florianópolis, esse povo está representado porque, apesar de todas as adversidades, mantiveram-se, viveram e vivem, amaram e amam, resistiram e resistem e, o mais importante de tudo, seguiram e seguem ligados aos seus.

[...] eu vou defender essa história aqui com a minha vida! Eu vou defender essa história como se fossem eles que tivessem lutado hoje, porque eles lutaram nos anos passado. Eu vou defender para eles, eu vou defender por ele, sabe? Eu não vou deixar ninguém chegar dizer que a história da Joana foi insignificante, que a história da Maria Rosa, da Sabina, sabe? [...] então a nossa força vem também de toda a história deles, sabe? De todo o sacrifício deles, de tudo aquilo que o vô falava, da tristeza no olho dele, de querer dar para nós e não ter pra dar, mais sabia que tinha e não podia pegar mais. É uma certa raiva mesmo, Kariane, uma certa sede de justiça e de justiça feita. Sim! Era deles, é deles. Não era deles, é deles porque a Princesa Isabel e... é libertou os negros, ela esqueceu, né? De acertar o contrato trabalhista, né? Porque ela esqueceu, ela tinha que simplesmente dizer assim: pô! "eu libertei, mas cadê a rescisão desse povo?". Não teve rescisão. Então esse é só uma parte da rescisão...

Figura 28 - Izidro Boaventura Vidal★ 1914 † 1989



Fonte: Quilombo Vidal Martins (2015).

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 61p. ISBN 9788535932539 (broch.).
- BASTOS, Ângela (org.). Nobres herdeiras. **Diário Catarinense**. Florianópolis, nov. [2015]. Disponíp: //www.clicrbs.com.br/sites/swf/dc_nobres_herdeiras/index.html. Acesso em: 19 jul. 2021.
- BOND, Rosana. Primeiro quilombo de Florianópolis: Luta pela terra desafia preconceito. **A Nova Democracia**. Rio de Janeiro, p. 1-1. 22 jun. 2019.
- Dispademocracia.com.br/noticias/11291-primeiro-quilombo-de-florianopolis-luta-pela-terradesafia-preconceito. Acesso em: 28 fev. 2020
- BRASIL. INCRA. **Editais divulgam regularização fundiária quilombola em Florianópolis (SC)**. 2020. Dispttp://incra.gov.br/pt/editais-divulgam-regularizacao-fundiaria-quilombolaem-florianopolis-sc.html. Acesso em: 24 fev. 2020.
- FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. Portaria No - 176, de 24 de outubro de 2013.
- Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano 144, n. 208, p. 18-19, 25 de outubro de 2013. Disponível em: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=25/10/2013&jornal=1&pagina=18&totalArquivos=120> Acesso em: 31 jul. 2021.
- IGOR, Renato. Bombeiros são impedidos de passar para conter incêndio no Parque do Rio Vermelho, afirmam comandante e IMA; entidade quilombola nega. 2020. **NSCTotal**. Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/columnistas/renato-igor/bombeiros-sao-impedidos-de-passar-para-conter-incendio-no-parque-do-rio>. Acesso em: 17 jul. 2021.
- LAURINDO, Kariane Regina. **Informação e memórias que resistem**: quilombo Vidal Martins em Florianópolis. Orientadora: Daniella Camara Pizarro. Coorientadora: Cláudia Mortari. 2021. 207 f. Dissertação (Mestrado em Gestão de Unidades de Informação) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2021. Disponível em: https://www.udesc.br/arquivos/faed/id_cpmenu/5641/DISSERTA_O_KARIANE_REGINA_LAURINDO_BU_16430451947267_5641.pdf. Acesso em: 27 jun. 2022.
- ND+ NOTÍCIAS. Incra tem 30 dias para demarcar quilombo em Florianópolis. **Nd+ Notícias**. Florianópolis. 23 dez. 2020. Disponível em: <https://ndmais.com.br/justica-sc/incretem-30-dias-para-demarcar-quilombo-em-florianopolis/>. Acesso em: 19 jul. 2021.
- O ESTADO (org.). Diz o Padre botânico: este é o milagre. **O Estado**. Florianópolis, p. 1-8. 21 maio 1964. Disponível em: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/oestadofpolis/1964/EST196414931.pdf>. Acesso em: 19 maio 2021.
- O RELATOR CATHARINENSE. Vivaó SS. Magestades Imperiae. **O Relator Catharinense**. Cidade de Desterro, p. 1-4. 28 out. 1845. Disponível em: <http://memoria.bn.br/doctreader/DocReader.aspx?bib=889750&pagfis=20>. Acesso em: 19 maio 2021.
- QUILOMBO VIDAL MARTINS. **Sobre**. Florianópolis, 2014. Facebook: quilombo Vidal Martins. Disponível em: <https://www.facebook.com/quilombovidalmartins/>. Acesso em: 24 fev. 2020.
- REDAÇÃO ND. Quilombolas ocupam camping do Parque Estadual do Rio Vermelho, em Florianópolis. **Nd+**. Florianópolis. 19 fev. 2020. Disponível em:

<https://ndmais.com.br/noticias/quilombolas-ocupam-camping-do-parque-estadual-doriovermelho-em-florianopolis/>. Acesso em: 28 fev. 2020.

REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos. **Liberdade por um fio:** história dos quilombos no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. 509 p. ISBN 8571645965 (broch.).

ROCHA, Diego Angeline. O discurso político na Igreja Mundial do Poder de Deus. In: **VI Congresso Internacional em Ciências da Religião XIII Semana de Estudos da Religião.** 2012. p. 48.

ROSA, Edson. Descendentes de escravos do século 18 formam o primeiro quilombo de Florianópolis. **Nd+**. Florianópolis. 18 ago. 2014. Disponível em:

<https://ndmais.com.br/noticias/descendentes-de-escravos-do-seculo-18-formam-o-primeiroquilombo-de-florianopolis/>. Acesso em: 28 jul. 2020.

SANTA CATARINA. **Registros da Igreja Católica, 1714-1977. Database with images,** FamilySearch, Boaventura Vidal Martins, 24 jun. 1872; certidão de batismo, São João do Rio Vermelho, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, Arquidiocese de Florianópolis, Santa Catarina; FHL microfilme 1,252,714. 1 abr. 2020a. Disponível em:
<https://familysearch.org/ark:/61903/1:1:2VWB-L9C>. Acesso em: 28 jun. 2021.

SANTA CATARINA. **Registros da Igreja Católica, 1714-1977. Database with images,** FamilySearch, Sabiana Corrêa, 1 out. 1882; certidão de batismo, Nossa Senhora da Conceição, Lagoa da Conceição. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, Arquidiocese de Florianópolis, Santa Catarina; FHL microfilme 1,253,024. 1 abr. 2020b. Disponível em:
<https://familysearch.org/ark:/61903/1:1:KXPJ-L47>. Acesso em: 28 jun. 2021.

SANTA CATARINA. **Registros da Igreja Católica, 1714-1977. Database with images,** FamilySearch, Manoel Vidal Martins, 20 Apr. 1884; certidão de batismo, São João do Rio Vermelho. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, Arquidiocese de Florianópolis, Santa Catarina; FHL microfilme 1,252,714. 1 abr. 2020c. Disponível em:
<https://familysearch.org/ark:/61903/1:1:2VWB-VCR>. Acesso em: 28 jun. 2021.

SANTA CATARINA. **Registros da Igreja Católica, 1714-1977. Database with images,** FamilySearch, Rosa Maria, 25 jun. 1882; certidão de batismo, São João do Rio Vermelho, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, Arquidiocese de Florianópolis, Santa Catarina; FHL Batismos 1877, dez. 1884, jul. imagem 36 a 57. fev. 2019a. Disponível em:
<https://familysearch.org/ark:/61903/3:1:9Q97-Y3S1-KST?cc=2177296&wc=MFKFPMS%3A1030404601%2C1030478701%2C1030531401>. Acesso em: 28 jun. 2021.

SANTA CATARINA. **Registros da Igreja Católica, 1714-1977. Database with images,** FamilySearch, Vidal Martins, 3 jul. 1845; certidão de batismo, São João do Rio Vermelho, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, Arquidiocese de Florianópolis, Santa Catarina; FHL microfilme 1,252,715. 7 fev. 2019b. Disponível em:
<https://familysearch.org/ark:/61903/1:1:Q231-1JD9>. Acesso em: 28 jun. 2021.

SANTA CATARINA. **Registros da Igreja Católica, 1714-1977. Database with images,** FamilySearch, Matrimônios 1832, ago. 1869, São João do Rio Vermelho, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, Arquidiocese de Florianópolis, Santa Catarina; nov. > imagem 41 a 1991 abr. 7 fev. 2019c. Disponível em: <https://familysearch.org/ark:/61903/3:1:9Q97-Y3S1->

K8F?cc=2177296&wc=MFKF-PZ9%3A1030404601%2C1030478701%2C1030532001.
Acesso em: 28 jun. 2021.

SANTA CATARINA. **Registros da Igreja Católica, 1714-1977. Database with images, FamilySearch**, Manoel Martins Gallego, 22 jun. 1855; certidão de óbito, São João do Rio Vermelho, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, Arquidiocese de Florianópolis, Santa Catarina; FHL microfilme 1,252,715. 7 fev. 2019d. Disponível em: <https://familysearch.org/ark:/61903/1:1:Q231-166L>. Acesso em: 28 jun. 2021.

SANTOS, Izabel Cristina da Rosa Gomes dos. **Ojo Nbori Ojo: vozes ancestrais na cultura e na literatura. conversas com avós.** 2020. 196 f. Tese (Doutorado) - Curso de Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Florianópolis, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/216253/PLIT0832T.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 11 set. 2021.

VALDEZ, Ramiro Soares. **Paisagens Políticas: uma abordagem antropológica das transformações da paisagem na área do atual parque estadual do Rio Vermelho, Florianópolis, SC.** 2017. Trabalho de conclusão de curso em Antropologia. Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/186382/TCC%20Ramiro%20Soares%20Valdez.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em 23 jul. 2021.

ZANOTTO, Joana. Quilombo resiste à violência em área turística da Ilha de Santa Catarina. **Jornalistas Livres.** Florianópolis, p. 0-0. 18 ago. 2018. Disponível em: <https://jornalistaslivres.org/quilombo-resiste-a-violencia-em-florianopolis/>. Acesso em: 19 jul. 2021.